

869.9

B63b

v.1

THE UNIVERSITY
OF ILLINOIS
LIBRARY

869.9
B63b
v.1

BIBLIOTHECA BRASILEIRA.

68

I

LYRICA NACIONAL.

— 1862 —

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA DO DIARIO DO RIO DE JANEIRO.

Rua de Rosario n. 84

1862.

Microfilm Negative # 93-1779
Humanities Preservation Project

869,9
B63b

José Carlos Lamartini

v.1

11432
324/05

ANTES DE TUDO.

Eis o nosso primeiro livro.

Entregamol-o á critica judiciosa e á apreciação dos leitores, sem desvanecimento, mas tambem sem veixame.

Mais e melhor do que ahi damos poderamos nós dal-o agora mesmo si considerações faceis de serem fundamentadas pelo proprio leitor nol-o não impedissem.

O pouco tempo que mediou entre a concepção da idéa e sua realisação, justifica até certo ponto o embaraço em que nos achámos para offerecer logo como primeiro, um dos melhores trabalhos nacionaes.

Da fecundidade intellectual da nossa terra tudo se póde e tudo se deve até exigir.

Mas da segregação constante de todas as nossas forças sociaes, dispersos todos os elementos de vida e de sociabilidade intellectual por territorio tão vasto e distanciados, além disso, por tantas condições physicas e moraes ; o que se póde exigir ?

347182

23-Nov-1916, M M S.
Banco Americano Gral. Equi. Mont. - J. J. J.

A novidade da empreza, quando outras razões não actuassem, bastaria para despertar duvidas e estimular desconfianças.

Por mais bem calculada que fosse; a nossa tentativa é um arrojo. A amigos e indifferentes ella se offerece, de primeira vista, como uma utopia, como uma aspiração irrealisavel.

A essa duvida pelo futuro accrescentê-se a justificada desconfiança que nos legou o passado de aspirações iguaes á nossa, e ver-se-ha que apparecemos em campo, nós homens sem fortuna, desajudados de protecções efficazes, unicamente escudados na intelligencia que Deus nos deu; na vontade que sabemos ter; na coragem com que encaramos de antemão o jubilo de uma victoria renhida ou o abatimento de uma derrota dolorosa, a combater dous inimigos crueis e tanto mais de temer-se quanto que só se batem com as armas da inercia, da indifferença, da frieza com que regelam no nascedouro todas as aspirações da mocidade, todas as phantasias da imaginação aquecida ao sol de uma crença robusta.

Uma duvida mais cruel ainda se nos oppunha. E havemos de discutil-a aqui em que isso nos acanhe e constranja.

Contra emprezas desta ordem, promovidas e realisadas quasi sempre por moços pobres e a favor das assignaturas do publico, ha em nosso paiz, e no geral de nossa população, certa suspeita de improbidade.

O desastre de algumas tentativas deste genero tem concorrido para a apparente justifi-

cação dessa suspeita. De envolta com os desmaios da boa fé imprudente arrastam-se na opinião publica os desazos de especulações ignobeis.

Dessa confusão nasce para muitos o desanimo. Receiando do máo conceito gratuito a que se expõem pela simples manifestação de uma idéa, aliás fecunda e generosa; ao mesmo tempo que se retrahem os caracteres tímidos, os talentos reaes, aquelles que não se entumescem de falsas soberbas, e que não cortejam os favores da popularidade, mendigos de uma fama ingloria, sentem-se condemnados ao mutismo, á inercia, ao desperdicio de faculdades que teem o destino e a missão de ser fecundas, pelas difficuldades e pelos sacrificios inherentes á forma da manifestação de sua vitalidade.

E' assim que disseminadas, sem centros de união, sem recursos, sem meios de acção, as intelligencias do paiz brilham transitoriamente, esterilizam-se ou estacionam desencantadas, descrentes e anojadas de uma situação tão triste. Vocações respeitaveis, talentos que podiam ser uteis e brilhantes, que podiam honrar-se a si e ao paiz, no cultivo da educação e do gosto litterario da nossa população, desviam-se por essa forma dos ingratos labôres que lhes não prestam nem recursos de subsistencia nem estímulos de gloria.

Desnorteados e escarmentados renegam então de sua origem e de sua missão; apagam as luzes de seu espirito accendidas por Deus ou

servem-se dellas para encetarem resolutos os obscuros sendeiros de uma existencia materialmente mais commoda e mais facil de ser glorificada pelo cortejo das mediocridades parvas.

Talvez nestas razões se pudesse achar o fundamento do enfado que já começa de manifestar-se no animo publico por essa alluvião de espiritos ôccos que atravancam as avenidas da politica nacional procurando abrir-se espaço à força de empurrões e cotoveladas por entre a turba multa dos pretendentes de todas as ordens.

Esta questão, porém, sahe fora do nosso programma.

Apparecendo e confiando unicamente na protecção do publico, damos claro testemunho de que não nos amedrontam as difficuldades que ennumerámos.

Da fidelidade no desempenho de nossos compromissos ; do acerto com que marcharemos na linha que nos traçamos, o publico vai ser juiz competente e habilitado pelas provas que lhe daremos.

E quanto á probidade que preside á direcção desta empreza, quanto á boa fé com que ella foi apprehendida e hade ser dirigida, nós que tudo precisamos do publico, dispensamos neste ponto o seu favor.

Não violentamos a ninguem. Fazemos um appello generoso e franco.

Acompanhem-nos e auxiliem-nos os que acreditarem em nós. Não lhes apresentamos o nosso nome como uma garantia. Tinhamos o

direito de fazê-lo mas resignamo-lo por hoje. A nossa vida tem de ser transparente. A imprensa é e hade ser o nosso espelho. Temos consciencia e fé em Deus de que a nossa face pode apparecer desvelada e sem manchas.

O nosso passado responde pelo nosso futuro e o nosso futuro hade ser a justificação do nosso passado.

Bem que individualmente appareçamos, representamos a idéa e a aspiração de muitos companheiro. A responsabilidade e os sacrificios desejamo-los individuaes ; mas os que nos acompanham sabem que os interesses e as glorias não de ser repartidas.

Q. BOCAIYVA.



BIBLIOTHECA BRASILEIRA.



AURELIANO J. LESSA. (*)

DUAS AURORAS

Já despontam no levante
Entre candidos vapores
Os primeiros resplendores
Do purpurino arrebol.

Já da noite os véos sombrios
No occidente empallidecem
Sobe a luz, as nuvens descem
Foge a noite, assoma o sol.

Sobre o páramo dos ares
Um véo de luz se derrama
Que nas perolas da gramma
Vem sorrindo scintillar.

(*) Aureliano Lessa acaba de ser prematuramente roubado á gloria das lettras patrias. Mais alguns annos de vida e mais estimulos que tivesse para apurar sua muza haviam de consagra-lo um dos primeiros poetas nacionaes. Infelizmente não nos conta que se trate de colleccionar as composições que deixou.

Estão as viçosas flôres
Abrindo os botões odóros
E mil passaros sonóros
Sobre as ramas a trinar.

Preguiçoso rola o rio
As vérdes praias beijando
Longamente murmurando
Um carpido adeus de amor.

Da folhagem do arvoredó
Doces lagrymas gottejam,
E mil zephyros adejam
Pousando de flôr em flôr.

Vem comigo oh ! minha amada
Saudar esta aurora bella ;
Não tenho sem ti, donzella,
Nem um completo prazer.

Vem do teu amante ao lado
Pousar neste chão de flôres,
E a linguagem dos amóres
Com as aves aprender.

Vem depressa, casta pomba
Vem com teus labios risonhos
Contar-me os singellos sonhos
Que em tua alma o céo verteú.

Eu quero também contar-te
Um sonho, um sonho mui bello
Desejo, oh ! virgem, verte-lo
Guarda-lo no seio teu.

Traze os teus loiros cabellos
Soltos á brisa ligeira
Assim como a vez primeira
Que neste prado te vi.

Na minha lyra doirada
Vibrando as cordas sonoras
Cantarei duas auroras
Uma nos céos, outra em ti.

DIAMANTINA.

Vês lá na encosta do monte
Mil casas em gruposinhos
Alvas como cordeirinhos
Que se lavaram na fonte?
Não vês deitado defronte
Qual dragão petrificado
Aquelle serro curvado
Que mura a cidadezinha?
Pois essa cidade é minha
E' meu berço idolatrado.

Alli meus olhos se abriram
A' luz matinal da vida
Lá, primeiro á mãe querida
Meus labios de amor sorriram.
Lá seu nome proferiram
Antes do nome de Deus

Lá tentei os passos meus
Da vida na estrada rude,
Lá aprendi a virtude
Minha mãe, nos olhos teus.

Vê como ella se inclina
Pela esmeralda do monte
Molhando os pés n'uma fonte
De agua fresca e crystallina ;
Olha como ella domina
Esses serros alcantis
Com seus ares senhoris
Com seu cofre de diamantes
No meio de seus amantes
Distribuindo rubis....

Salve ! oh ! Athenas risonha
Da verde e saudosa Minas
Bainha destas collinas
Que banha o Jequitinhonha
Teu vassallo ! Elle nem sonha
Quebrar teu jugo real
Nem a um leve signal
Com seus rubis, com seu ouro
Derramar no teu thesouro
O seu tributo real.

Feliz ! que no seio teu
O sopro da Providencia
Faz brotar a intelligencia
Perola fina do céu,
Como da noite no véo
Faz mil perolas fulgir !
Tu tens, oh ! rival de Ophir
Outras joias, outros brilhos ;

Teu thesouro são teus filhos ;
Tua gloria é seu porvir.

Seu porvir, sim ; que amanhece
Lá nos longes do futuro ;
Não o meu, que um fado escuro
De negros fios só tece !
Patria ! tudo me fallece
Para erguer teu esplendor,
Mas do pobre trovador
Terás o obolo pobre,
No peito um coração nobre
Na lyra, um canto de amor !

— 00000 —

AUGUSTO EMILIO ZALUAR.

A FAMÍLIA.

Triste de quem perdeu o doce e santo abrigo
 De seu ditoso lar ;— o ninho quente e amigo,
 Onde a familia em torno o circ'lo seu prefaz !
 Não mais lêdas verá — nas relvas do canteiro
 As crianças brincando — e ao sol posto do outeiro
 Todos a desfilar volvendo á casa em paz !

A' tranquilla morada a luz doura a penumbra !
 O franco e jovial prazer ali ressumbra ;
 Presente em todo o ser parece o proprio Deus !
 A fronte mais austera escolhe a divindade
 Para o symbolo dar da mystica trindade,
 Que vemos a sorrir lá na mansão dos céos !

O berço junto ao leito endeixas lhe murmura,
 Por fios invisiveis d'electricidade ternura
 O filho prende á mãe ;— o pai nos dous revê.
 Oh ! concertos de amor — conversas de caricias !
 Eis os gozos sem fim — são estas as delicias
 De que ao terno casal o coração provê.

No intimo recesso ameiga-se a rudeza
 Ao écho das paixões ;— é calma a natureza ;
 Do mundo, em seus humbraes, a vaga quebra em vão ;
 Tudo respira ali os candidos affectos
 Com que a graça divina os entes predilectos
 Premia, se merecem, a sua redempção !

No domestico templo a placida existencia
Um peso não é já — serena a consciencia
Dicta na meiga tribu a respeitada lei ;
O paternal conselho á fronte inexpericnte
O fogo juvenil modéra de repente
E seu poder impõe á tenra e docil grey.

Dormem as ambições — os pallidos terrores
Não espinham a vida onde só brotam flôres !
Parece que a ventura, oh ! nunca terá fim !
Se a fortuna na terra encontra uma-guardida
E' no seio ineffavel — na sombra amena e querida
Onde a familia assenta o festival jardim !

Porém um dia, oh ! magoa ! Eil-a pendente á porta
A funebre cortina ! Em torno estão da *morta*
O pai na dôr immerso — os filhos a chorar...
Depois reina o silencio... a casa abandonada
E' uma sepultura ;— e ás fendas arreigada
Só das campas a flôr se vê desabrochar !

Triste de quem perdeu o santo e doce abrigo
De seu ditoso lar ! O ninho quente e amigo
Onde a familia em torno o circ'lo seu prefaz !
Não mais lêdas verá nas relvas do canteiro
As crianças brincando — e ao sol posto do outeiro
Todos a desfilar volvendo á casa em paz !

**ANTONIO CARLOS RIBEIRO DE ANDRADA
MACHADO E SILVA.**

CANTO DE AMOR.

Ma plume en ecrivant a tremblé dans ma main
Et quand je souriait, comme une chaude pluie
Mes larmes effaçaient les mots sur le velin.

H. MURGER.

Quero pensar em ti..... é longe o tempo
Da vida dos amores,—mas qu'importa?
Um sonho de delicias no passado,
E viva esta alma que jazia morta.

Oh! vem comigo, a tarde eis surge bella,
Esvae-se o sol em rubidos listões.....
Vamos fallar da vida que sonhámos
Unidos como outr'ora os corações.

Não tremas,—que t'importa o mais no mundo
Quando desrola o céo manto de luz,
E a noite que caminha silenciosa
Nos convida a resar junto da cruz.

Que vale uma hora do presente infausto
Ao pé d'esse passado que voou?
Que vale um riso na bulhosa sala,
Se o lábio que sorrio nunca te amou?

Elles dizem que és linda como os anjos,
Que teus olhos inspirão louco anhejo,
Mas eu—podia apenas mudo e triste
Beijar-te uma madeixa do cabelo.

Quando passas, se apinhão—sim—que buscam
Certeza do triumpho.... e á mim não vês!..
Qu'importa—se me basta divisar-te
Seguir ao longe o rasto de teus pés?

Oh! vem comigo a tarde eis surge bella,
Esvae-se o sol em rubidos listões,
Vamos fallar da vida que sonhámos
Unidos como outr'ora os corações!

ANTONIO JOAQUIM RIBAS. (*)

A POESIA.

*Mein Busen fuhlt sich jugendlich erschuttert
Von Zauberbrach, der euren Zugumrüttert.*

GÖTE.—FAUST.

Branda aragem do céo que nos revela
D'ignotas flôres mystica fragrancia ;
Doce scismar, que a vida embala em sonhos
Como no berço se acalenta a infancia ;

Flôr cultivada pela mão dos anjos
Nesses vergeis aos genios revellados ;
Planta que mirra nos jardins da terra
Como a flôr do sorriso entre cuidados ;

Sombra que foge bella e vaporosa
N'alva da vida, diffundindo flôres ;
Astro a girar no azul do firmamento
E sobre a terra a derramar fulgores.

Brilho que n'alma as dores adormenta
Anjo do Eden, celeste poesia !
Dos roseos labios entre mago aroma
Manas a flux torrentes de harmonia.

(*) O Dr. A. J. Ribas é um dos mais illustrados lentes da Faculdade Juridica de S. Paulo. Sabem-delle, os seus discipulos e os seus amigos, que é um bom e profundo litterato. Mas todos os seus manuscriptos guarda-os com tal avareza que, justo castigo desse defeito, o seu nome não é popular entre os seus patricios.

Feliz quem de tua alma surprehendera
Doce arcano ás canções melodiosas !
Mas inda mais feliz quem revolvera
Teu bello seio em ondas amorosas !

Que valem o poder, sciencia ou gloria
Ante um momento d'extasi divino ?
Dera as grinaldas de eternal memoria
Para a vida exhalar de amor n'um hymno !

—*—*—*—

A. MARQUES RODRIGUES.**A REVISTA NOCTURNA.**

(IMITAÇÃO DE ZEDLITZ.)

A' meia noite, quando todos dormem,
E ladra á lua o solitario cão,
Ouvem-se rufos: um tambor extranhio
Acorda os mortos, que enterrados são.

Das negras campas apressadas surgem
Hostes guerreiras, que tiveram fim:
A caixa rufa repetidos rufos,
Retumba ao longe marcial clarim.

Da Italia bella nos fecundos campos,
Da Russia fria no terreno atroz,
No Egypto ardente, na briosa Hespanha,
Repetem echos do instrumento a voz.

Os bravos formam as tremendas filas,
Que ao peito incutem natural pavor:
Não correm, voam, os corceis fogosos,
Que a espora incita ao desmedido ardor.

Os alvos craneos ao luar reluzem,
Tremem penachos, que formosos são,
As armas tinnem, os cavallos rincham,
Mastigam freios, escarvando o chão.

Entre mil vivas o famoso chefe
Eis que da campa resurgindo vem :
Não traz divizas no casaco branco,
Move impassível o corcel, que tem.

Seguem-se ao lado os marechaes valentes,
Que a morte arrostram, que não temem temor :
Ney destemido na refrega intensa,
Murat fervendo em marcial ardor.

Erguem soldados as luzentes armas ;
Beijando a terra o pavilhão está ;
E o chefe exclama : « A denodada França
Eterna gloria nas nações terá ! »

E' a revista, que o moderno Cezar
Passa aos guerreiros, que enterrados são :
A' meia noite, quando todos dormem,
E ladra á lua o solitario cão.

A. ACHILES DE MIRANDA VAREJÃO.

AO DR. F. P. G.

Quando o genio de Deus desprende as azas,
Sublime e grande, porque Deus é grande !,..
Rompe o infinito, que separa os homens,
Paira entre elles, em saber se expande.

Então derrama—nas cabeças fogo,
—No peito amores— e nos olhos luz,—
Nucleo de essencia verdadeira e santa,
Raio esplendente, que a razão produz.

Mas poucos sabem que a centelha queima,
Nem sentem outros seu passar veloz :
Apenas pulsa o coração que estuda
No livro humano a natureza a sós.

Quantas verdades não encontra a idéa !
Quantos perfumes não trescala a flôr !...
E' que só Deus a intelligencia inspira,
E a flor desbota se não tem cultor.

Ergue essa fronte, que o verdor dos annos
Curvar não pode ao bafeja-la Deus ;
Foste escolhido—quanta inveja causas !
Entre os prophetas—companheiros teus.

Que mais pretendes ! tua gloria é certa,
Deus não se engana—te creou gigante ;
Cinge a grinalda que os pequenos tecem,
Segue a jornada,—caminheiro ! ! avante !—

ANONYMO.

Oh! justiça! oh! tolerancia!
Presentes da divindade:
Se volveis da terra ao céu
Que serd da humanidade!

A natural differença
Nas luctas da opinião
Arma contra o proprio irmão
O irmão que tem outra crença.
Morre ou como eu penso, pensa;
Diz do Alcorão a arrogancia!
Capricham de intolerancia
O lutherano e o papista,
Nem vos quer o calvinista
Oh! justiça! oh! tolerancia!

Eis que de Voltaire o brado
Padres, bonzos, denuncia,
E mais sã philosophia
Acha no crucificado;
O homem desassombrado
Encara emfim a verdade
Próclama-se a liberdade
Do voto e da opinião,
Fulge a luz, fulge a união
Presentes da divindade!

Novos meios de oppressão
Raivoso o throno imagina,
O altar com o throno maquina

Quer proscrever a razão.
Vem de novo a confusão ;
A discordia reviveu !
Velhos odios accendeu !
Dons da paz ! iniqua guerra
Vai cobrir de luto a terra
Se outra vez volteis ao céo !

Traições, perfidias, enganos
Focas, fogueiras, horrores
São os signaes e os penhores
Da influencia dos tyrannos !
Oh ! Deus ! pois sempre os humanos
Viverão na inimizado ?
Se a santa fraternidade
Não doma seus peitos rudes
Mesmo c'o as outras virtudes
Que será da humanidade ?



A. J. DE MACEDO SOARES.**A CREAÇÃO DA MULHER.**

A' voz do creador surgem do nada
Mundos que attestam a eternal grandeza
Radiantes de vida e de belleza
Brotam flôres na terra, astros no céu !
Deus era só ! Razão, amor, vontade
Com elle não partia a creatura,
Na placidez daquella formosura
Como que havia de tristeza um véo !

De um verbo o homem nasceu ! No olhar altivo
Brilhava a chamma que revassala os mundos ;
E ao sentir dentro em si germens fecundos
Hymnos de gloria alçou ao Creador.
Mas da vida os encantos, a alegria
Não resumem os gozos da sciencia :
Se enlevada sorria a intelligencia
Gemia o coração n'ancia de amor.

Deus escutou as preces do proscripto
E o pranto abençoou do peregrino !
E d'um raio de luz do olhar divino
Surgio na terra a estatua da mulher.
Sublime Prometheu ; do amor ao fogo
Nella o homem fundio su' alma e vida ;
Esposa, mãe, irmã, filha querida
Unio á della a essencia de seu ser.

Virgem, que tua historia ouves narrada
Nos toscos versos de uma pobre lyra,
Segue o norte da estrella que te inspira
Dessa mãe que por ti vive feliz !
Lume do olhar de Deus ! possa em tu' alma
Sempre fulgir da crença a luz radiante
E em teu peregrinar no mundo errante
Brotar flôres e perolas gentis !

ANONYMO.

EPYGRAMMA. (*)

Um ministro de mão cheia
Nos mandaram de Berlim ;
É' não só bom diplomata
Como grande spadachim.

Quem melhor do que elle pode
Empunhar *copos* de espada ?
Quem-lhe pode fazer frente
Tendo em mão os de *canada*?

Porém-d'uma ou d'outra sorte,
Não podia elle ser fraco
Representa um povo forte
E barão é do *Deus Bacho*.

E' demais homem *de espirito*
E por delle gostar tanto
Ao Brasil chegado apenas
Foi buscar o *Esp'rito Santo*.

Deve ser, dizia elle
Uma nova *Canaan*
Vou viver dentro da *canna*
Como n'agua vive a rã.

(*) Esta poesia foi feita e dedicada ao celebre barão de Meushach, diplomata prusso que tanto nos enchovalhou: excellente creatura que só tinha dous defeitos; não ter juízo e embriagar-se frequentemente.

Porém ai ! decepção !
Não achou o que queria
E jurou pelo Deus Bacho
Do Brasil se vingaria !

« Fui logrado, reflectio,
Desta terra vou me embora ;
Vou para outra que se chame.
Villa do Juizo Fóra.

De ser naturalisado
Nessa villa não careço
Tenho lá lugar distincto
Verão todos que o mereço. »

Na *patricia* então beijou
E montando no pequira
Cahé aqui... cahé acolá...
Lá se foi, *tira que tira*...



AUGUSTO F. COLIN.

AMOR E MYSTERIO.

I

Quando das noites no silencio amigo
Minh'alma adeja em pensamentos intimos,
E a vida ant'olho em resumido quadro,
Que fundas dores hão tornado escuro.

Candida imagem me apparece á mente
De linda virgem, que minh'alma adora
Co' o amor mais puro, co' o mais casto affecto,
Mas em silencio, n'um cruel mysterio.

Profunda chaga, que meus dias rala,
A morte n'alma deshumana crava :
Vida mesquinha que não vale a morte,
Que a morte é o termo dos mais crús tormentos.

Amo em silencio. A solitaria noite
Meus ais escuta, e enternecido orvalho
Piedosa verte, e a viração suave
Tambem suspira por me ouvir gemendo

II

Amo e padeço ; e o innocente objecto
De meus suspiros nem talvez suscita
O incendio eterno que em meu peito lavra,
E que em tormentos faz passar-me a vida !

E nem jamais abrir-se-hão meus labios
Para dizer-lhe:—eu te amo, ó virgem !
Como n'um tum'lo jazará sepulto
O meu affecto nos arcanos d'alma.

Feroz ciume me lacéra o peito,
Quando em seus labios o sorriso assoma
Em face de outrem, que extasiado a encára,
E o nectar bebe de seus lindos olhos.

Então de dôr o coração me estala !
C'o inferno n'alma, delirante a mente,
Fujo a esconder-me de odiosas vistas,
Tragando a morte nos mais duros tratos.

III

Da minha vida no horisonte escuro
Um astro ao menos nem sequer fulgura !
Medonhas trevas me rodeião ; negros,
Como n'um cahos, se escoarão meus dias.

Até que a morte compassiva o pranto
Venha estancar-me sob o pó dos tumulos,
Onde um suspiro não irá saudoso
Meus tristes manes consolar gementes.

Mas antes *Ella*, divagando alegre
Pelos lugares, onde durmo, as cinzas
Talvez me pize, sem lembrar-se ao menos
Do triste amante que alli jaz sepulto.

BERNARDO J. DA SILVA GUIMARÃES.

OLHOS VERDES.

Eu conheço uns lindos olhos,
Que fazem morrer de amor,
Tem a verde e linda cor,
Que tem o mar em bonança,
Ai de mim, que nesses olhos
Hei posto minha esperança!

São brilhantes e formosos
Como dous astros sem véo,
A sorrir em puro céo
Em noite serena e mansa.
Mas nesses astros brilhantes
Não vejo luz de esperança.

Já não creio em olhos verdes ;
Olhos verdes são traidores,
São fanaes enganadores,
Não inspiram confiança ;
Sabem só matar de amores
Sem nunca dar esperança.

Antes nunca eu visse os olhos,
Que fazem morrer de amor,
E que tem a linda cor
Que tem o mar em bonança ;
Ai de mim, que nesses olhos
Não tenho mais esperança.

UMA FILHA DO CAMPO.

..... Filha miniosa
Da Atlandida formosa.

(GARRET.)

O que ha de mais puro do céo nos fulgores
O que ha de mais meigo n'um brando luar,
O que ha de mais vivo do sol nos ardores,
Compõe seu olhar.

Os púdicos raios de aurora sem nuvens,
Por entre alvas nevoas no monte a luzir,
Apenas imitam dos labios formosos
O meigo sorrir.

As notas mais doces da lyra do bardo,
Ou brisa amorosa cantando entre flores,
Não tem a doçura da voz, que me enleva
Qual hymno de amores.

O sol destas plagas no rosto esparzio-lhe
De jambo e de rosa mimoso matiz ;
E' negra a madeixa, que tomba e fluctua
Nos hombros gentis.

Não é flor nascida nos parques dos grandes,
Por mãos educada de um habil cultor,
Em vasos custosos, onde a arte esmerou-se
Com luxo e primor.

E' sim flor do campo, modesta e singela,
Que aos beijos da brisa nos ermos nasceu,
E abriu-se risonha, sómente regada
Do orvalho do céo.

Quem dera colhe-la na sombra tranquilla,
Onde aura fagueira com beijos a embala.
O calix beijar-lhe, beber-lhe o perfume,
No seio, guarda-la.

Mas ai ! peregrino, — não sei onde leva-me
O incerto destino destes dias meus !
E em minha passagem só posso deixar-lhe
Um hymno, e um adeus.

CLAUDIO MANOEL DA COSTA. (*)
SONETO.

Não vês, Lise, brincar esse menino
Com aquella avesinha ? Estende o braço
Deixa-a fugir, mas apertando o laço
A condemna outra vez ao seu destino.

Nessa mesma figura eu imagino,
Tens minha liberdade ; mas ao passo
Que cuido que estou livre do embaraço
Então me prende mais meu desatino.

Em um continuo gyro o pensamento
Tanto a precipitar-se se encaminha
Que não vejo onde para o meu tormento !

Mas fôra menos mal esta ancia minha
Se me faltasse a mim o entendimento
Como falta a razão a essa avesinha !

(*) Não ha quem não conheça e não respeite o nome deste infortunado poeta, um dos precursores da independencia de nossa patria e um dos herões da inconfidencia. Claudio Manoel, foi, dos poetas brasileiros, um dos que melhor manejou o genero da poesia lyrica. Companheiro de Gonzaga era seu rival em estro e na melodia do verso. O soneto que aqui estampamos e que não sabemos se já alguma vez foi publicado, é, como podem apreciar-o os leitores, um mimo de poesia.



CONSTANTINO DO AMARAL TAVARES.**MELANCOLICA.**

Eu vejo-a sempre de cabellos soltos,
Pendida a frente, a vaguear sem tino,
—Visão, dissereis, vaporosa e bella,
Cumprindo as sinas de fatal destino!

Nos meigos olhos, em que treme o pranto
Eu vejo ás vezes se expandir um riso,
Mas logo triste, silenciosa, muda
Na branca face lagrymas diviso.

Naquelle peito, onde eu quizera a preço
Da propria vida a fronte recostar,
Morou talvez uma esperanza outr'ora,
Que nem o tempo a saberá matar.

Escura magoa lhe tortura o seio,
Em frouxos ais transsuda dolorida,
Deixa entrevêr nessa alma espedaçada
Amargo fel, que lhe envenena a vida.

Oh! como soffro, quando vejo ao longe
A branca sombra da gentil visão!..
Oh! Se eu pudera?.. Porem temo vê-la
Deixar dos labios descahir um—não!

CASIMIRO DE ABREU.**PRIMAVERAS.****I.**

A primavera é a estação dos risos ;
Deus fita o mundo com celeste affago,
Tremem as folhas e palpita o lago
Da brisa louca aos amorosos frisos.

Na primavera tudo é viço e gala,
Trinam as aves a canção de amores,
E doce e bella no tapiz das flores
Melhor perfume a violeta exhala.

Na primavera tudo é riso e festa,
Brotam aromas do vergel florido,
E o ramo verde de manhã colhido
Enfeita a fronte da aldeã modesta.

A natureza se desperta rindo,
Um hymno immenso a criação modula
Canta a calhandra, a jurity arrula,
O mar é calmo porque o céu é lindo.

Alegre e verde se balança o galho,
Suspira a fonte na linguagem meiga,
Murmura a brisa :— Como é linda a veiga !
Responde a rosa :— Como é doce o orvalho !

II.

Mas como ás vezes sobre o céo sereno
Corre uma nuvem que a tormenta guia,
Tambem a lyra alguma vez sombria
Solta gemendo de amargura um threno.

São flores murchas ; o jasmim fenece
Mas bafejado se erguerá de novo,
Bem como o galho do gentil renovo
Durante a noite, quando o orvalho desce.

Se um canto amargo de ironia cheio
Treme nos labios do cantor mancebo,
Em breve a virgem do seu casto enlevo
Dá-lhe um sorriso e lhe entumece o seio.

Na primavera, na manhã da vida
Deus ás tristezas o sorriso enlaça,
E a tempestade se dissipa e passa
A' voz mimosa da mulher querida.

Na mocidade, na estação fogosa
Ama-se a vida, — a mocidade é crença,
E a alma virgem nesta festa immensa
Canta, palpita, se extasia e goza !



F. OCTAVIANO.

SONETO.

Morrer, dormir, não mais ; termina a vida
E com ella terminam nossas dôres,
Um punhado de terra, algumas flôres
E ás vezes uma lagryma fingida !

Sim ; minha morte não será sentida
Não deixo amigos enem tive amôres !
Ou se os tive mostraram-se traidôres,
Algozes vis de uma alma consumida.

Tudo é pôdre no mundo, e que m'importa
Que elle amanhã se esbrôe e que desabe,
Se a natureza para mim 'stá morta !

E' tempo já que o meu exilio acabe
Vem, pois, oh ! morte, ao nada me transporta,
Morrer, dormir, talvez sonhar, quem sabe ?

FRANCISCO DA COSTA CARVALHO. (*)—
FLOR!

Flôr singela que o prado enfeitiças,
Quem te deu esse aroma celeste,
Quem traçou-te essas cores tão vivas,
Que te formam a candida veste ?

Quem prendeu-te nessa haste inclinada
Namorando-te aos raios do sol,
Quem derrama em teu seio pudico
Doce orvalho ao luzir do arrebol ?

Quem lançou-te sósinha no prado,
Meiga virgem que foges do mundo,
Quem recebe teus sonhos tão castos
No teu extasi santo e profundo ?

Oh! não sabes, rainha do campo,
O que são teus primores sem par!
Não suspiras de dôr, no retiro
Não te passa no sonho o amar ?

Queres dar-me entre as sombras da noite
O velar junto a ti ? E's tão bella ;
Tens encantos que o mundo enlouquece,
Teme o mundo, que'es casta donzella.

(*) O Dr. Costa Carvalho é hoje magistrado e juiz de direito da comarca de Constituição, em S. Paulo. Provavelmente entre os labores de sua vida esqueceu a lyra, onde, bom poeta, dedilhava outr'ora. Viço de inspiração, melodia de verso, delicadeza de pensamento, e mais uma qualidade que denominaremos, pudor da poesia, eram os distinctivos de suas composições. Infelizmente só possuímos a que hoje damos á publicidade.

Eu serei o teu guarda das noites,
Tua estrella de paz, innocente ;
Em tua face, que a noite resfria
Pousarei minha fronte fervente.

Quando n'alva voltarem as luzes
Beijarei o teu calix mimoso ;
Tu despertas ao beijo do dia,
Serei eu d'essa vez o ditoso.

Quero amar-te n'essa hora suave,
Quero ter teu primeiro sorriso,
Quero um beijo de aromas de rosa,
Quero a vida no teu paraíso.

São os raios do sol tão ardentes...
Deixa o astro qu'elle é inconstante,
Elle rouba perfumes qu'exhalas
E á noite já tem outra amante.

Deixa o astro, qu'é rei ; que te importam
Os amôres de um rei sem poesia ?
Eu te dou o qu'em thronos se inveja ;
Meus amôres não morrem com o dia.

Não me digas quem deu-te perfumes
O teu prado tão só, tuas côres ;
Foi o céu, qu'eu o sei ; diz-me, virgem,
Se não valem o teu meus amôres ? !



F. DE BITTENCOURT SAMPAIO.**O CANTO DO GAUCHO.**

1835.

Aqui nestes campos, aos gritos de guerra,
Imigas phalanges baqueam por terra,
Si á frente dos bravos eu surjo a correr !
Gauchos são todos—armados de bolas,
De espadas e lanças, punhaes e pistolas,
Quem póde os vencer ?

Quem póde aos valentes, temiveis campeiros,
Que galgam cochilhas transpondo ribeiros,
Domar-lhes as iras do peito em volcão ?
Quem ousa chamar-lhes guerreiros vencidos ?
Dizer-lhes quem ousa : —Não sois mais temidos,
Perdestes a acção ?

Ninguem ! que o gauchó qual frio micuano
Ligeiro sacode por terra o tyrano,
Que os passos lhe embarga no seu campear !
Mais livre que o vento, prendê-lo quem ha de,
Si o rude campeiro só quer liberdade,
Vivendo a vagar?..

Da patria nas luctas os livres são bravos,
Que vencem, derribam soldados escravos
Do ouro, do throno, vendidos ao rei :
Os livres são bravos que nunca se rendem,
Que ao sol das batalhas seus foros defendem
Nos campos—por lei !

Eu sei que os monarchas, zombando da historia,
Com o sangue dos povos se c'oroam de gloria,
Cercados de escravos, no throno a dormir ;
Que sceptros, corôas são meras vaidades
Das forças tyrannas, que as nossas vontades
Procuram ferir !

Oh ! vinde, monarchas ! a mim que valente
Um troço de bravos commando, na frente
Montado n'um pingue, soberbo bagual !
Vereis vossa gente, sem rumo, sem norte
Correndo, fugindo com medo da morte,
Por montes e val !

Vereis que nos campos, aos gritos de guerra
As vossas phalanges baqueam por terra,
Si á frente dos bravos eu surjo a correr !
Gauchos—que somos—armados de bolas,
De espadas e lanças, punhaes e pistolas,
Quem póde os vencer ? !

HENRIQUE CEZAR MUZZIO.

CORAÇÃO DE MENINA.

Coração de menina é branco lyrio
A' sombra vegetado ;
Que perfuma, consola, divinisa
Um peito á dôr votado.

O amor que elle gera
E' puro, nobre e santo.
E basta uma só vez te-lo gosado
P'ra que raio de luz largo e brilhante
Nos doure nesse instante
O presente, o porvir, mesmo o passado !

Coração de menina é grande pulha
Que nos prega o amôr ;
E' bolha de sabão que brilha rapida
Das aguas sobre a flôr.

E' um mono da sorte
Aos caloiros de Venus
E' pedra falsa que reluz nas trevas
Que engana até aos mais atiladinhos
Offusca-lhes os olhos
E obriga-os a cahir como patinhos.

JOSÉ ELOY OTTONI.**CARMES.**

Na estancia do terror vaguea o crime :
Echo saudoso retumbando geme
No alcaçar do soberbo capitolio !
Humilde e manso o pescador se alonga
Da Tiberina, turbida ribeira ;
O mar se empola, a barea fluctuante
Sobre cachopos de arremeço esbarra !...
Não perde o rumo; as ancoras suspensas
Seguro o leme lhe affiança e mostra
De estrella fixa lucido oriente !
Roma o vio, antes Pai que mestre um dia
Sobre o throno dos Cezares sentado,
De longe agora o vê, profugo, errante....
As lagrymas lhe servem, noite e dia
De amargoso alimento, a dôr o occupa,
Dezerto o santuario, a cruz sem pompa,
Um gemido em silencio, um ai ! magoado
Retumbam no deserto vaticano !
De dia o anjo tutellar dos muros
Ao clarão do zenith empallidece,
A' noite, espectros divagando horriveis,
Trovão ruidoso, subterraneo rola
No seio das antigas catacumbas.

Fino, extremoso e dedicado amante
Que não vê? que não sente? A ideia é um ponto
Que abrevia a distancia e encurta os mares.

A filha de Sião, saudoza, escrava
Escuta o echo que ternura envia
Ao som dos hymnos de Israel saudoso:
As harpas, dos salgueiros penduradas
Retiniam, gemendo, resoavam
Junto aos rios da ingrata Babylonia
E o tyranno acolhia o som das harpas.
Agora surdo, mais cruel tyranno
Ameaça, destroe, não vê, não sente
A luz que mana da verdade eterna !
Ao destroço fatal da especie humana
Que o erro abafa, accode a natureza
O velho venerando as cãs ensopa
No calix da amargosa afflicção d'alma
Em pranto a noite o vê, a aurora, em pranto;
Té que a Europa infeliz curvada ao pezo
De orgulhosa oppressão, respira ao menos
Oppondo os mares por barreira ao monstro !

As columnas do templo ouvindo os votos
Que a mais terna das mães ao céo mandava
Convulso o torreão, tremendo em torno
Abaladas no cubo estremeceram !
Um relampago o véo do templo rasgas!
Na abobada celeste a cruz se inflamma!
O silencio apontando ao céo, recorda
A missão dos antigos Patriarchas.
Assim prospere o céo, conforto, anime
A paz da igreja c'o a união do Estado
Quando o Cezar apostolos elege !
Politica e moral n'um ponto se unem,
Na harmonia do céo se encobre a terra !

Virgem do globo, America opulenta
Abrindo o seio que a abundancia entorpes,

Mais preciosos que o thesouro immenso
Tens character, valor, virtude e genio.
Não te illuda... phantasmas, prole espuria
De futil, ôca e vã philosophia
A expressão da verdade é lei do Eterno ;
No golphão da caduca natureza
O architecto da luz as sombras varre !
O grande Ser que é typo do universo
Tem por culto a razão, por templo o mundo !



JOSÉ BONIFACIO DE ANDRADE E SILVA.**QUE IMPORTA?**

Podes sorrir-te embora ! As flôres murcham
Mas não morre o perfume sobre o chão !
Que importa o riso sobre o labio ingrato,
Se ainda, mulher, te bate o coração ? !

Fada orgulhosa nos salões brilhantes
Vagas sem tino, no dansar louquejas ;
E as pennas brancas da plumagem alva
Cahirão todas :—n'um paúl doidejas !

Vale acaso essa vida de delirio,
Aquelles sonhos de paixão fervente,
Os quentes beijos, os abraços ternos,
E o céo tranquillo sobre a terra ardente ? !

Aj que louca tu foste !—As nossas festas
Tinham por luzes os clarões da lua ;
Ainda hoje ás vezes,—solitaria e bella
Tua imagem triste no luar fluctua !

Não cherarei... oh não !—Lá quando um dia
Emmudecer o som da louca festa,
Essa historia de gozqs infinitos
Hão de contar-te as brisas da floresta !

Teu pranto em fio pelas faces murchas
Ha de ser minha unica vingança ;
Serás a estatua muda da saudade
No sepulcro deserto da esperança !...

Embalde o tentas...—Minha imagem sempre
 Como um remorso surgirá perdida !
 Eu sou tua sombra,—seguirei teu corpo !
 Eu sou tua alma,—seguirei tua vida !

—○○○○—
 GATURAMO.

Passarinho, que os hymnos saudosos
 Descantavas nas abas do monte—
 Donde houveste esses ais amorosos ?
 Donde houveste ?—do céu ?—do horisonte ?

Quem te deu, ó formosa avesinha,
 Essas perlas de pranto sentido ?
 —Foi das mattas a brisa mansinha ?
 —Os aromas do bosque florido ?

—Foi á sombra da tarde a folhinha,
 Que estremece... farfalha... e cahiu ?..
 —Foi o echo do val, a fontinha,
 Que murmura... soluça... e fugiu ?..

Eu não sei : em teus curtos instantes
 Os mysterios da vida resumes...
 Ai ! tu choras nos puros descantes
 Da floresta bebendo os perfumes !

E's poeta, és poeta, bem sabes
 Quanta dôr esta sina contem ;
 Emmudece, infeliz, não acabes—
 Entender-te esse canto.... ninguem !

E's poeta, só vives um dia,
Vás morrendo entre notas de amôr ;
Sobre as azas de tenue harmonia
Busca um tum'lo no calix da flôr !

E ao luar, deste berço da luz,
Quando o mundo dormir socegado,
—Ergue o canto que as almas seduz
No perfume da flôr levantado !

ARVORE SECCA.

Sim; — os tufões da noite te despiram !
O inverno as folhas tuas requemou ;
Erguida e só no tope da montanha
E's a imagem do tempo que passou.

Hontem altiva os ramos ostentavas,
Hoje curvada estás, pobre infeliz !
Quem vê-te assim, princeza desthronada
Alça uma prece a Deus e baixo a diz.

Cada galho dos teus sabe uma historia,
Tambem a sabe o tronco escodeado,
Como os ossos do morto, a cruz das campas
E as ruinas do templo derrocado.

Ao sôm da tempestade entre gemidos
Os furacões nocturnos te adoraram ;
E's qual mulher que o gozo consumira
Ou magoas para a terra debruçaram ?

Do monte a grimpa te servio de solio
Rendeu-te o sol um preito de homenagem,
Terás por leito o val — e o viajante
Ha de buscar em vão tua ramagem.

Quando te vejo assim, penso que sonhas
Penso que tens um'alma, um coração,
Que sentes como eu sinto, que estremecem
Tuas raizes no fundo deste chão !

Eras vistosa e de folhuda copa
E hoje.... arvore secca e descarnada !
Quem sabe se amanhã dobrando a fronte
Tombarás por um raio fulminada !

Tambem da vida as folhas me cahiram
E já talhei tão moço o meu sudario !
Eu dormirei na valla dos cadaveres,
Tu, no cimo do monte solitario !



JOÃO CARDOSO DE MENEZES SOUZA.**O PRISIONEIRO INDIO.****I**

Tenho um leito de rosas e lyrios
Sobre um fôfo coxim me reclino ;
Meo cocar de plumagens brilhantes
Treme ao sol com matiz de ouro fino.

As mais lindas donzellas da tribu
Por mim ardem em chammas de amôres ;
Qual de gemmas o cinto me esmalta,
Qual a fronte me adorna de flôres.

Se a tristeza me enruga o semblante
Se os desgostos gemidos me arrancam,
Ellas cingem-me os braços ao collo
E com beijos o pranto me estancam.

Quando reina o silencio na taba, (1)
Porque a noite o horisonte sombrêa,
Modulando canções maviosas
Ellas tecem festiva corêa.

Junca a meza banquete abundante
Quando a fome as entranhas me aperta,
Naya dá-me um uicá de perdizes, (2)
E o cauim saboroso me offerta. (3)

(1) Taba—aldeamento indio.

(2) Uicá—farinha de carnes; especie de passoca.

(3) Cauim—ou catimpoeira bebida feita de milho ou mandioca mastigada e fermentada. Era o vinho dos selvagens.

Quando caço nas virgens florestas
Naya vae carregar-me a uyrapára, (4)
Traz pendente dos hombros a flecha
Que mortífero golpe dispára.

Mas que importa ao captivo guerreiro
Ter amor, na abundancia viver,
Se é guardado por seus inimigos,
Se não póde a seus lares correr?

Quando em guerra cerrada o cacique
Arrojou-me o tacape afiado, (5)
E sentio de meu sangue inda quente
O semblante feroz rociado.

Um sorriso de infame alegria
Por seus labios sinistro roçou ;
E á pensarem-me as chagas profundas
Aos mais sabios pagés me entregou.

Ai de mim ! não queria matar-me ;
Essa gloria a seu filho guardava,
Para dar-lhe o brazão de nobreza
Minha morte o cruel retardava.

Já seu filho maneja o tacape ;
Já no rol dos guerreiros entrou ;
E na ultima guerra inda ha pouco
Entre os bravos da patria marchou.

Amanhã, ao raiar da alvorada,
Quando alegre o universo acordar,
Hão de vir meus algozes sedentos
Sua victima illustre immolar.

(4) Uyrapára—arco.

(5) Tacape—especie de machadinha feita de pedra rija.

De praser sanguinario exultando,
Os seus hymnos crueis cantarão ;
E, ao mandado do infame carrasco ;
A um oity com cipós me atarão. (6)

Mas embora a existencia me arranquem
Nas angustias de horrivel tormento ;
Multipliquem injurias e tractos,
Que eu não hei de exhalar um lamento.

Quando o ferro rasgar-me as entranhas
O meu canto de morte erguerei ;
E aos crueis, que cuspirem-me insultos,
Desdenhoso sorriso eu darei.

E' da raça Tamoya este sangue,
Que nas veias me ferve e circula ;
Do sepulcro meu pai me contempla ;
Meus instinctos guerreiros açula.

Venha embora o luzir da alvorada
O meu ultimo dia aclarar ;
Hade a morte do chefe Tamoyo
Dos caciques a raça illustrar.

II

E a aurora, de purpura as nuvens tingindo
Nos céos assomaya ;
E o echo da inubia, (7) que os indios sopravam
Na taba soava.

Chegára o momento do atroz sacrificio
Do preso Tamoyo ;
E as pallidas faces de Naya sulcava
De pranto um arroio.

(6) Oity—arvore.

(7) Inubia-frauta de guerra.

Mas elle tranquillo, com rosto sereno
A morte affrontou ;
E os bandos ferozes de seus inimigos
Sem medo encarou.

Atado n'um tronco, e os olhos cravando
No sol, que nascia,
Seu cantico extremo da turba sedenta
Os brados cubria.

O sangue lhe jorra do golpe tremendo
Que abraza o tacape ;
De braços crusados espera o carrasco
Que a vida lhe escape.

Então pressuroso do corpo lhe arranca
O dardo homicida,
E imprime com elle no pé musculoso
Profunda ferida.

Colhêra seus louros—de gloria nobreza
Ganhára o braço ;
E aos hymnos de guerra palpita de orgulho
O seu coração.

Lá foram sentar-se na mesa maldicta
Da orgia asquerosa,
Cantando os louvores do filho do chefe
Com voz estrondosa.

.
.

Na pyra, que os ossos do extincto cacique
Já tem calcinado,
Um vulto ao lampejo do fogo, que expira,
Se vê debruçado.

Quem era essa forma tão vaga e sombria
Que alli se pintava?
Que, á chama da pyra, e ao sol moribundo,
Tão triste chorava?

E' Naya, que orvalha c'o pranto da angustia
As cinzas do esposo,
E dá-lhe em soluços o adeos derradeiro
Eterno e saudoso.

J. A. TEIXEIRA DE MELLO.**A UMA ESTRELLA.**

Amámos cedo.... Ferimos
Nossos pés ao mesmo espinho !
Na mesma fonte os lavámos
Do pó do mesmo caminho !
Nessa loucura sublime
Ella perdeu-se...., e eu perdi-me.

Ella foi a minha musa
Eu o seu sonho primeiro :
Foram seus labios minh'arpa
Meu, seu rizo derr-deiro....
A sorrir morreu sem magoa
Como um lyrio á beira d'agoa !

Coitada ! pegou no somno
Pensando na mocidade !
Quiz accorda-la—chamei-a
Sonhava na eternidade !..
Na cova a que ella descera
Nasceu uma flor de cêra.

Agora nos céos contemplo-a
Nas calmas noites de outomno
Naquelle estrella que dorme
Naquelle agitado somno
Pela qual sem dó eu dera
Toda a gloria que me espera !

Sancto amor, filho da infancia
Em um só berço embalada!
Botão de uma flôr de fogo
Ao mesmo sol rebentada!
Vergadas a mesma cruz,
Eu fui a sombra, ella a luz.

Eu dera todas as palmas
Com que sonhara na vida
Por ver minh'alma—já solta
Da terra—nos céos unida
A' sua! por accende-la
Nos raios daquella estrella!

• • • • •
• • • • •

J. M. MACHADO DE ASSIS.**CLEOPATRA E O ESCRAVO.**

PARAPHRASE

*Do canto do «Escravo» na tragedia «Cleopatra»
da Mme de Girardin.*

Filha pálida da noite,
Nume feroz na inclemencia,
Sem culto, nem reverencia,
Nem crentes e nem altar,
A cujos pés descarnados...
A teus negros pés, ó morte !
Só engeitados da sorte
Ousam frios implorar ;

Toma a tua foice aguda,
A arma dos teus furôres;
Venho c'roado de flôres
Da vida entregar-te a flôr;
E' um feliz que te implora
Na madrugada da vida,
Uma cabeça perdida
E perdida por amôr.

Era rainha e formosa,
Sobre cem povos reinava,
E tinha uma turba escrava
Dos mais poderosos reis ;
Eu era apenas um servo .

Mas amava-a tanto, tanto,
Que nem tinha um desencanto
Nos seus desprezos cruceis.

Vivia distante della
Sem fallar-lhe nem ouvil-a;
Só me vingava em seguil-a
Para a peder contemplar;
Era uma sombra calada
Que occulta força levava
E no caminho a aguardava
Para saudal-a e passar.

Um dia veio ella ás fontes
Ver os trabalhos... não pude,
Fraqueiou minha virtude,
Cahi-lhe tremendo aos pés.
Todo o amor que me devora,
O' Venus, o intimo peito,
Fallou naquelle respeito,
Fallou naquella mudez.

Só lhe conquistam amôres
O heroe, o bravo, o triumphante,
E que corôa radiante
Tinha eu para offerecer?
Disse uma palavra apenas
Que todo um mundo continha:
Sou um escravo, rainha,
Amo-te e quero morrer.

E a nova Isis que o Egypto
Adora curvo e humilhado,
O pobre servo curvado
Olhou languida a sorrir;
Vi Cleopatra, a rainha,

Tremer pálida em meu seio ;
Morte, foi-se-me o receio,
Aqui estou, podes ferir.

Vem ! que as glorias insensatas
Das convulsões mais lascivas,
As phantasias mais vivas,
De mais febre e mais ardôr,
Toda a ardente ebriedade
Dos seus reaes pensamentos,
Tudo gozei uns momentos
Na minha noite de amôr.

Prompto estou para a jornada
Da estancia escura e escondida;
O sangue, o futuro, a vida
Dou-te, ó morte, e vou morrer ;
Uma graça unica—peço
Como ultima esperança:
Não me apagues a lembrança
Do amôr que me fez viver.

Belleza completa e rara
Deram-lhe os numes amigos ;
Escolhe dos teus castigos
O que infundir mais terrôr,
Mas por ella só por ella
Seja o meu padecimento,
E tenha o intenso tormento
Na intensidade do amôr.

Deixa alimentar teus corvos,
Em minhas carnes rasgadas,
Venham rochas despenhadas
Sobre meu corpo rolar,
Mas não me tires dos labios

Aquelle nome adorado,
E ao meu olhar encantado
Deixa essa imagem ficar.

Posso soffrer os teus golpes
Sem murmurar da sentença ;
A minha ventura é immensa
E foi em ti que eu a achei ;
Mas não me apagues na fronte
Os sulcos quentes e vivos
Daquelles beijos lascivos
Que já me fizeram rei.

CORAÇÃO PERDIDO.

Buscas debalde o meigo passarinho
Que te fugio ;
Como quer que isso foi, o coitadinho
No brando ninho
Já não dormio.

O coitado abafava na gaiola,
Faltava-lhe o ar ;
Como foge um menino de uma escola,
O mariola
Deitou-se a andar.

Demais, o pobresito nem sustento
Podia ter ;
Nesse triste e cruel recolhimento
O simples vento
Não é viver.

Não te arrepeles: Dá de mão ao pranto ;
 Isso que tem ?
Eu sei que elle fazia o teu encanto ;
 Mas chorar tanto
 Não te convem.

Nem vás agora armar ao bandoleiro
 Um alçapão ;
Passarinho que sendo prisioneiro
 Fugio matreiro
 Não volta, não !

— * * * * *

JORJE H. CUSSEN.**FALLA !**

Falla ! meus versos serão cadentes
Se forem echos da tua voz,
Hynno mais puro que o som da aragem
Quando nos valles divaga a sós.

Falla ! Em minha alma resôe o puro
Timido acorde do teu fallar,
Como nas vagas de arreda costa
Sôa o gemido frouxo do mar.

Quando cessarem os alaridos
Que se repetem á luz do sol,
Canta, suspira co'a philomela
Té que renasça roseo arrebol.

A essa hora calma, Deus se debruça
Sobre os seus mundos, e os vê sonhar ;
A luz serena que então derramam
São reverberos do seu olhar.

Ah ! não consintas, anjo querido,
Que só as flôres vivam então,
Que só as auras levem perfumes
Ao sabio artista da criação.

Falla ! Nos mudos preitos da terra
Não ha tão doce, tão puro encanto
Como nas phrases com que revellas
Dos teus affectos o fogo santo.

E' esse o hymno que mais se eleva,
Que mais na terra falla de Deus ;
E' esse o echo de estranhos carmes
Que entornam vida nos versos meus !

AO LUAR.

A' luz desses astros que vibram scintellas
De chamma celeste—librados no ar,
Eu sinto entre os sonhos de extrema ventura
Vagar—me na mente secreto pezar.

Se me olhas, se os labios de nacar descerras,
Soltando suaves effluvios de amor ;
Eu sei que em mim pensas, pois creio que evitas
Manchar com a mentira teu nivéo fulgor.

Mas ora—dormida—não sei se teus sonhos
São vivas lembranças que guardas de mi,
Não sei se, constante, n'um brando suspiro
Porção de minh'alma, me chamas a ti.

Mas, dorme, minh'alma, que enquanto me faltas
Não posso lembrar-me, soffrendo, de ti :
Se morro não sinto—nos olhos que cerras .
A vida sonhando tão perto de mi !

JOÃO SILVEIRA DE SOUZA.**A FILHA DOS MEOS SONEOS.**

Eu vejo-a sempre reclinada a frente,
Pensativa a scismar, triste e sem côres,
Candida e bella, a filha dos meus sonhos,
A celeste visão dos meus amôres.

Tremem-lhe ás vezes sobre o véo castanho
Dos longos cilios de setim lusente
Aljofares do céu, qual treme o orvalho
Das alvas folhas de uma flôr pendente.

Vejo-lhe as formas d'anjo e as faces lindas :
Onde as vejo não sei ; — n'um mundo a c. r. o !
E' sua patria talvez um céu phantastico
E seu nome é tambem p'ra mim mysterio !

Creáram-na os meus sonhos melancolica
Sempre e sempre em silencio, em magoa e prantos
Cobre-lhe a frente bella um véo d'angustias
E eu não posso trocal-o em véo de encantos !

Vejo ás vezes em fio ardentes lagrymas
Rorejarem-lhe a tez—embalde as vejo,
Não a posso abraçar, se a busco, foge-me
Não posso as faces lhe enxugar c'o um beijo !

E pois corre tambem meu pranto esteril,
Quando contemplo assim entre amargôres
Candida e bella, a filha dos meus sonhos,
A celeste visão dos meus amores.

Dá-lhe existencia o meu sonhar, comtemplo-a
Sempre e sempre atravez d'um véo tristonho ;
Não lh'o posso doirar, seu fado é esse
Sem mata-la e tambem matar meu sonho.

Oh ! muitas vezes lho pergunto afflicto,
Porque desmaias linda flôr tão cedo ?
Virgem, meus sonhos, te crearam, bella
Nunca amaste, eu o sei, nem tens segredo !

E sempre é sempre a interroga-la em balde,
Não me diz seu penar, nem seus martyrios,
Não me responde e sempre muda e triste
Vejo a filha ideal dos meus delirios.

Oh ! que eu não possa dar-te a voz e' o um beijo !
Trocar-te em risos do martyrio a palma !
Comtigo a vida repartir no mundo,
Minha pura visão, meu sonho d'alma !

L. J. JUNQUEIRA FREIRE (*)**HYMNO DA CABOCLA.**

Sou india, sou virgem, sou linda, sou debil:
E' quanto vós outros, oh ! tapes, dizeis !
Sabei, bravos tapes, que eu sei com dextreza
Cravar minhas setas no peito dos reis !

Sabei que não canto sómente prazeres,
Sabei que não gemo sómente de amôres,
Sabei que nem sempre vagueio nos bosques,
Sabei que nem sempre me adorno de flôres.

Meus labios não beijam os labios do amante
Meus labios combatem tyrannicas leis,
Meus labios são como trovões estupendos
Que cospem coriscos na face dos reis.

Quem vio-me nas liças, quem vio-me covarde
Aos silvos da flecha, quem vio-me escoar ?
Eu sou comò a onça pequena e valente
E sei os perigos da guerra affrontar.

Enchei meus carcazes de agudas taquaras
Que iguaes na floresta jámais achareis :
E dessas taquaras fataes é que pendem
As vidas infames de todos os reis.

Sou india, não nego ; meus finos cabellos
Qual juba ferina, bem longos que são !
Porém este peito que fervido pulsa
E' masculino, oh ! tapes, ou é de um leão !

(*) Esta poesia é tirada da bella collecção do Sr. Macedo Soares, a que denominou — *Harmonias Brasileiras*.

Meu animo, -oh ! tapes, aqui vos conjuro
Bem cedo meu animo ardente vereis ;
Que eu já me preparo co' as settas n' elhores
Que saibam cravar-se no peito dos reis.

Eu tenho cingidos na fronte, oh ! guerreiros !
Seis dentes de cabos de imigas co' rtes ;
Na paz os meus dedos desfiam amôres,
Na guerra os meus dedos disparam mil mortes.

São seis as victorias que cingem-me a testa ;
Não vê les, oh ! tapes ! meus louros são seis !
Quem cinge na testa seis louros de gloria
Não teme essas tropas compradas dos reis !

As minhas façanhas espantam os tapes,
Invejam-me todos as altas façanhas ;
Só ellas são como penhascos gigantes
Só ellas são como brasilias montanhas.

Só ellas não curvam-se ao mando dos homens
Só ellas conculcam despoticas leis ;
Só ellas humilham a fronte aos tyrannos
Só ellas abalam os thronos dos reis !

Meus membros são de bois, qual junco flexivel
Meu pé tão mimoso (dizeis) tão manciro ,
Meu pé tão mimoso, sabeí que elle csmaga
O collo possante do vil estrangeiro !

Sou india, s' u virgem, sou linda, sou fraca
Só isso, vós t' pes, injustos diz-eis !
Sabei, bravos tapes, que eu sei com dextreza
Cravar minhas settas no peito dos reis

LAURINDO RABELLO (*).

DOUS IMPOSSIVEIS.

Jamais ! quando a razão e o sentimento
Disputam-se o domínio da vontade,
Se uma nobre altivez nos alim-enta
Não se perde de todo a liberdade.

A luta é forte : o coração succumbo
Quasi nas ancias do lutar terrível ;
A paixão o devora quas inteiro,
Devora-lo de todo... é impossível !

Jamais ! a chama crepitante lastra,
Em curso impetuoso se propaga,
Lancem-lhe embora prantos sobre prantos,
E' inutil ! que o fogo não se apaga.

Mas chega um ponto em que elle acena o impeto.
Em que nao queima já, mas martyrisa,
Em que tristeza branda e não loucura
A' razão se suj-ita e harmonisa.

E' nesse ponto de indizivel tempo
Onde, por my-terioso encantamento,
O sentir á razão vencer não pôde,
Nem a razão vencer ao sentimento.

(*) A pressa com que activamos a publicação deste volume não nos deu tempo de pedir aos nossos amigos e irmãos de letras, mais numerosas e talvez mais escolhidas composições com que enriquecêssemos este livro. De Laurindo Rabello, temos apenas esta poesia.

Mas de poetas co-no esse, basta uma quadra para dar a medida do seu talento. Os leitores podem attestar que não mentimos nem lisonjeámos.

No fundo de noss'alma um espectáculo
Se levanta de triste magestade.
Se de um lado a razão seu facho accende
Do outro os lyrios seus planta a saudade.

Melancolica paz domina o sitio,
Só da razão o facho bruxoleia
Quando por entre os lyrios da saudade
Do zelo semi-morto a serpe ondeia !

Dous limites então na actividade
Conhece o ser pensante. o ser senivel :
Um impossivel - a razão escreve,
Escreve o sentimento outro—impossivel !

Amei-te ! os meus extremos compensaste
Com tanta ingratidão, tanta dureza,
Que assim como adorar te foi loucura,
Mais extremos te dar fôra baixeza.

Minh'alma nos seus brios offendida
De prompto a seus extremos pôe remate,
Que mesmo apaixonada uma alma nobre
Desespera-se; morre, não se abate.

Pode queixar-se inteira a flicidade
De teu olhar de fogo inextinguivel,
Acabar minha crença meu futuro,
Aviltar-me ! jamais ! é impossivel.

Mas a razão que salva da baixeza,
O coração depois de idolatrar-te
Me anima a abandonarte, a não querer-te,
Mas a esquecer-tel não, sempre hei de amar-te !

Porém amar-te desse amor latente
Raio de luz celeste e sempre puro
Que tem no seu passado o seu presente
E tem no seu presente o seu futuro.

Tão livre, tão despido de interesse,
Que para nunca abandonar seu posto
Para nunca esquecer-te nem precisa
Beber, te vendo, vida no teu rosto.

Quo desprezando altivo quantas graças
No teu semblante, no teu porte via,
Adora respeitoso aquella imagem
Que dellas copiou na phantazia.

L. N. F. VARELLA.

NEVOAS.

Nas horas tardias que a noite desmaia
Que rolam na praia, nil vagas azues,
É a lua cerca-la de palli ta chamina
Nos mares derrama seu pranto de luz;

Eu vi entre os flócos da névoas immensas
Que em grutas extensas se elevam no ar,
Um corpo de fada, serena dormindo
Tranquilla sorrindo n'um brando sonhar.

Na forma de névoa, purissima e nua
Um raio da lua de mouro batia,
E assim reclinava no turbido leito
Seu pallido peito de amores tremia.

Oh ! filha das névoas ! das veigas viçosas
Das verdes, cheirosas roseiras do céo,
Acaso rolaste tao bella dormindo
E dormes sorrindo, das nuvens no véo ?

O orvalho das noites congela-te a fronte,
As orlas do monte se escondem nas brumas,
E queda repousas n'um mar de neblina
Qual perola fina no leito de espumas !

Nas nuas espadoas, dos astros dormentes
Tão frio, não sentes o pranto filtrar ?
E as azas de pata do genio das noites
Em tibios açoites a trança agitar ?

Ai! vem que nas nuvens te mata o desejo
De um fervido beijo gozares, em vão ;
Os astros sem alma, se cansam de olhar-te
Não podem amar-te, nem dizem paixão !

E as auras passaram e as nevoas tremiam
E os genios corriam, no espaço a cantar,
Mas ella dormia tão pura e divina
Qual pallida ondina nas aguas do mar.

Imagem formosa das nuvens da Illyria
Brilhante Walkiria das brumas do norte
Não ouves, ao menos, do bardo os clamôres
Envolta em vapôres, mais fria que a morte ?

Oh ! vem ! vem minh' alma ! teu rosto gelado
Teu seio molhado de orvalho brilhante
Eu quero aquecel-os no peito incendiado
Contar-te ao ouvido paixão delirante.

Assim eu chamava tristonho e pe lindo
Ouvindo o gemido da onda na prata
Na hora em que fogem as nevoas sombrias
Nas horas tardias que a noite desmaia.

Em brizas da aurora ligeiras corriam
No leito batiam da fada divina ;
Sumiram-se as brumas do vento á bafagem
E a pallida imagem desfez-se em neblina !

LEANDRO BARBOSA DE CASTILHO.**SAUDADES DE MINHA MÃE.**

O'amour d'une mère! — amour que nul n'oublie!
Pain merveilleux qu'un Dieu partage et multiplie!
Table toujours servie au paternel foyer!

V. HUGO.

Eu sou qual ave nos alheios climas :
Arde em minha alma a brasa da saudade !
Minha mãe, não me esquecém teus carinhos,
Teu amor santo e rosto de bondade !

Não me esquecem oh não ! essas lembranças ;
São flores de meu peito ensanguentadas ;
Nuvens negras no céu do coração,
Harmonias de lagrimas baubadas !

Antes morram lembranças d'uma virgem,
De uma virgem que amei que amar é santo !
Minha mãe, — sou a planta que já murcha ;
Tenho em meus seios a saudade em pranto !

Quando meu corpo atiro sobre o leito,
Vejo teus labios desflorando um riso ;
Tu jun'tas o teu peito ao peito meu
E eu me julgo gosando um paraizo !

Depois acordo... foi um sonho apenas ;
Flor de vida que rio-me um só instante ;
Loucura sim — loucura, mas que importa ?
Ao menos vi tão puro o teu semblante !

Antes eu fosse ainda pequenino,
Dormido anjinho no meu molle berço !
Tu me embalaras me apertando ao seio ;
Tu te sorriras me cantando um verso !

.
.

Esse tempo passou—morreu-me a infancia ;
Pendeu-se a flor da minha flicidade !
Minha mãe—eras toda a minha vida !
Meu Deos—meu Deos—eu morro de saudade !

—o—o—o—

MANOEL ANTONIO DE ALMEIDA.**AMOR DE CRIANÇA.**

Era um amor de criança
Puro como a luz ! Que amor !
Que perfume de innocencia
D'aquella alma aberta em flôr !
Inda era um anjo ... peccou
No momento em que me amou !

Aquelle amor foi a crença
Mais doce da minha vida,
Tive outras depois..... nenhuma
Chorarei de ver perdida
Enquanto dure a lembrança
Daquelle amor de criança !

Quando ella me via triste
A o ha-la extatico e mudo,
Tuha dó de mim afflicta
Jurava por Deus, por tudo
Amar-me sempre ; mentia,
Mas sua alma é que a illudia !

Uma vez de fatigada
Junto a mim adormeceu ;
Entre um beijo e um sorriso
Doce amor me prometten,
Mas quando voltou á vida
De tudo estava esquecida !

Do rôto coral as perolas
Procurei ver se juntava,
Quiz colher na briza a flôr
Que esfolhando-se voava....
E o amor que um riso creara
N'um leve sonho acabara !

Inundei-lhe as mãos com pranto
Que a dôr funda me arrancava ;
Sorriu-se.... já não sabia
Que por amor se chorava !
Perdi de todo a esperança
Já não era mais criança !

—•••••—

MANOEL ANTONIO ALVARES DE AZEVEDO**PEDRO IVO**

Perdoai-lhe, Senhor ! elle era um bravo !
Fazia as faces descorar do escravo
Quando ao sol da bat lha a fronte erguia,
E o corseel gottejante de suor
Entre sangue e cadaveres corria !
O genio das pelepas parecia....
Perdoai-lhe Senhor !

Onde mais vivo em peito mais valente
N'um coração mais livre o sangue ardente
Ao fervor desta America bulhava ?
Era um leão sangrento que rugia,
Da guerra nos clarius se embriagava
E vossa gente, pálida recuava
Quando elle apparecia !

Era filho do povo, o sangue ardente
A's faces lhe assomava incandescente,
Quando seismava do Brazil na sina....
Hontem, era o estrangeiro que zombava,
Amanhã, era a lamina assassina,
No cadafalso a vil carnificina
Que em sangue jubilava !

Era medonho o rubro pesadello !
Mas nas fronte's venaes do genio o sêllo
Gravaria o anathema da historia !
Dos filhos da nação a rubra espada

No sangue impuro da facção ingloria
Lavaria dos livres na victoria
A mancha profauada !

A fronte envolta em folhas de loureiro
Não a escoundemos, não ! Era um guerreiro !
Despio por uma idea a sua espada !
Alma cheia de fogo e mocidade
Que ante a furia dos reis não se acobarda
Sonhava nesta geração bastarda
Glorias e liberdade !

Tinha sêde de vida e de futuro ;
Da liberdade o sol curvou se puro
E beijou-lhe a bandeira sublimar-la ;
Amou-a como a Deus e mais que a vida !
Perdão para essa fronte laureada !
Não lanceis á matilha ensanguentada
A aguiar nunca vencida !

Perdoai-lhe Senhor ! Quando na historia
Vêdes os reis se coroar de gloria,
Não e quando no sangue os thronos lavam
E envoltos no seu manto pros ituto
Olvidam-se das glorias que sonhavam !
Para esses, maldicção ! que o leito cavam
Em lodaçal corrupto.

Nem sangue de Rateliffs o fogo apaga
Que as fronte populares embriaga,
Nem do heróe a cabeça decepada
Immunda, envolta em pó, no chão da praça,
Contrahida, amarella, ensanguentada,
Assusta a multidão que ardente brada
E thronos despedaça !

O cadaver sem benções, insepulto,

Lançado aos corvos do hervaçal inculto,
 A fronte varonil do fuzilado,
 Ao somno imperial co' os labios frios
 Podem passar no escarneo desbotado,
 Eusanguentar-te a seda ao cortinado
 E rir-te aos calafrios !

Não escuteis essa facção impia
 Que vos repete a sua rebeldia....
 Como o verme no chão da tumba escura
 Cnulsu-se da terra no mysterio :
 Como o vento do inferno em agua impura,
 Com a bocca maldicta vos murmurava ;
 « Morra ! salva ; o imperio !

Sim ; o imperio salvai ; mas não com sangue !
 Vê-le — a patria debruça o peito exangue
 Onde essa turba corvejou, cevou-se !
 Nas glorias, no passado elles cuspiram !
 Vê-le — a patria ao Bretão ajoelhou-se,
 Beijou-lhe os pés, no lodo mergulhou-se !
 Elles a prostituiram !

Maldictos ! do presente na ruina
 Como torpe, despida Messalina
 Aos apertos infames do estrangeiro
 Traficam dessa mão que os embalou !
 Almas descredas do sonhar primeiro
 Venderiam o beijo derradeiro
 Da virgem que os amou !

Perdoai-lhe Senhor nunca vencido,
 Se em ferros o lançaram, foi trahido !
 Como o Arabe alem no seu deserto
 Como o cervo no' páramo das relvas,
 Ninguem os trilhos lhe seguira ao perto
 No murmúrio das selvas !

Perdão por vosso pae que era valente
Que se batia ao sol c'o a face ardente
Rei, e bravo tambem, e cavalleiro !
Que da espada na guerra a luz sabia....
E ao troar dos canhões entumescia
O peito do guerreiro !

Perdão, por vossa mãe ! por vossa gloria !
Pelo vosso porvir e nossa historia !
Não mancheis vossos louros do futuro !
Nem lisonjeiro incenso a nódoa exime !
—Lava-se o polluir de um leito impuro !
Lava-se a palidez do vicio escuro !
Mas não se lava um crime !

MANOEL DE ARAUJO PORTO-ALEGRE.**A DESTRUIÇÃO DAS MATTAS.****BRASILIANA EM TRES CANTOS.****CANTO I.****A DERRIBADA.**

Na mão do escravo acicalado ferro
Brilha e reflecte do africano vulto
Sorriso delator d'interno goso !
E sofrego, acudindo á voz do incola,
Que na cornea busina o madrugára
Antes que a aurora os montes contornasse,
Na frondente floresta se aprofunda.
Brada contente a parceiral caterva,
E o ferro floreando, jubiloso,
No ar lampeja, qual sinistro raio.
Mede co'a vista os seculares troncos
Que em tantas estações, em tantas eras,
Os céos e a terra em porfiada lide
Donozos empregaram na estructura
Desses gigantes que laceram nuvens,
Que têm por ceração cerne de ferro,
Onde verazes os annaes do mundo
Em multiplícés rolos se recatam.
Prorompe o capataz com gesto barbaro,
Afras canções do peito borbotando,
Que alentam do machado o golpe ; trôa

O hymno devastador, que em curta quadra
Tronca por terra mil possantes arvores,
Timbre dos évos, pompa da natura.
Nos largos botareos que a base escoram,
E no solo se entranham tripartidos,
Como ingentes giboias no profundo,
Talha o machado a corpolenta crosta ;
Treme o chão, treme o ar, balança, esfolha-se
A cup'la verdegai do amplo madeiro,
E convulso, largando os verdes fructos,
Granisa o bosque com medonho estrondo,
Que as aves manda ao céo, á toca as féras ?

Marca a funda machadada
Do canto saffro o compasso ;
E as que o ar toldam mil lascas
Roboram do fulo braço
O golpe destruidor.

Baqueam enormes lenhos,
E centos de outros mutilam ;
Trovejam ; mas eis que o ferro
Já não cava, nem fuzila
O golpe destruidor.

Sorri-se, tripudiando,
O negro falquejador,
E pára o selvagem canto,
E o golpe destruidor,
E limpa do bronzeo rosto
Com a mão o alvo suôr.

Rija celeuma de confuso fremito
Applaude a queda dos pujantes lenhos,
Como uma antã feroz, sibilo agudo
Arma co'os dedos nos sovados labios

O ledo capataz, e açula a turba,
 Com novo metro, variado modo,
 A de um golpe extinguir o parque excelso,
 Que incolume surgio do cataclysmia !

As fouces e os machados manobrando,
 Vão amputando o peristylío umbroso
 Da verde tenda, monumento inculto,
 Que de indomitas feras foi azylo,
 E os accentos canoros de mil aves
 Nas perfumadas folhas embebêra ;
 Onde em barbaro côro a simia astuta
 Outr'ora se embalava, té que a frecha
 Do certoiro Tamoyo, o ar fendendo,
 Co'a ponta hervada lhe enfiasse a morte.

Como columna de arruinados templos
 Jazem prostradas em confuso enleio
 As grossas hastes, desmedidas, fortes,
 Dessas umbellas, que subindo aos astros
 No regaço do sol fruïam ávidas
 Os puros raios de vital conforto !
 E a prenhe sombra de fragrancia e fresco,
 Que cem plantas mimosas protegia,
 Não mais amparará bolhão ruidoso,
 Que a estiva sêde dissipava ás feras.

Oh ! que espectac'lo grandioso e lugubre
 Meus olhos, abarcando, contemplaram !
 O ferro iconoclasta retalhando
 A verdejante chlamyde da terra,
 O seu manto sem par, e cuidadoso
 Poupar avaro os esqueletos aridos
 De eivados troncos, carcomidos galhos,
 Aorde a viridante primavera
 Em vão tentára, em contumazes lustros,

Nos podres garfos da raiz annosa
Um insufllo vital verter benigna !

Ruinas sacras que eu lastimo, e adoro,
Das aves throno, odêo harmonioso !
Hoje achanado teu sublime portê
Rola na terra os prostylões soberbos
De odoros acroterios, onde a arára,
O brilho apavonando de seu manto
Como uma flôr alada resplendia !

O ferro prosternativo,
Novos prodigios mostrando
Sobre a coma dos gigantes
Que na terra estão rolando,
De Flora novos mimos denuncia,
Que de nacar se adornam, de ambrosia.

Rescendentes de almo cheiro
Novas flôres vi se abrindo,
E pelas brandas antheras
Novo aroma se expandindo,
Que delirios celestes encendendo
Vão a vida em Elysios convertendo.

Eu vi dos jardins do céo
Bellezas, perfumes, côres
Onde as abelhas sidereas
Colhem nectareos licôres,
E onde os cherubins, de amôr divino,
Ungem as azas de vapor nardino.

Sois nada, jardins do luxo,
Com vossa Flora mesquinha !
Em vossos vasos de porfido
Mofina cresce a florzinha.

Não a nutre do ether pura essencia,
Nem das estrellas o macio orvalho
Na corolla mimosa insufla encantos.

Nas flôres da floresta immensa e livre
Celeste prisma desprendendo as côres
D'incognito matiz roscia as pétalas,
Onde um raio de luz se deslizando
Gemma simula, que deslumbra, cegam !

Como insecto em seara submergido
O homem se afigura, comparado
Co'a ingente ossada dos gigantes floridos,
Que a seus pés mutilada fana e murcha.
Alli troncados mirram sobre a arena
Fuliginosos toros tapeçados
De aveludado musgo, onde resaltam,
Em formade ramaes, de leques, c'roas,
Raiadas parasytas, que debruçam
Em cheirosas liaças brandos feixes
De multimodas flores, onde ha pouco
O melifluo jaty zumbindo, em osculos,
Na tromba odora recolhia o polen.
Outros, curvados pelo proprio peso,
De encarnadas escamas se revestem,
De verdes lanças, de estrigadas farpas,
De roseos cachos em pedunc'los aureos,
Como em festiva noite mastro florido.
Outros se bolsam de escarlata agárico,
E nas eivadas, bolorendas fendas,
A' vista offerecem enfiados cardos.
Largas vergonteas, como roca enorme,
De sumaré palmato se nodulam,
Onde a natura na cerdosa borla
Tenaz visgo injectou que a industria explora.
Em fortes crivos de cruzadas norças,

De estriadas butuas, camarões elasticos,
De aerea e arrendada cresciuma,
Semi-suspensos ao volver do zephyro
Pujantes troncos seembalançam, gemem,
Como harpas eolias gigantesas.

Alli mais não virá chirlando em nuvens
A fugaz maritaca, nem no outomno
O grisalho macuco, enamorado,
Incauto a morte achar no tredo canto,
Que o sagaz caçador pipita occulto
Do tronco annoso no barbado cimo.
Não virá perforar concavo leito
A cornea goiva das loquazes aves ;
Nem os casulos de mimosa paina,
De finos musgos tecerá nos ramos
Sussurrante colibrio furta-côres.
Da fulva rola o compassado gemito,
Do sahico gentil, do gaturamo
Os brilhantes górgeios, que nas calmas
Alegravam do bosque a soledade,
Da cyclopea araponga o ferreo canto,
Da altiva capoeira a maga flauta
Não mais echoarão ricos trinados.
E a maviosa, compassiva endeixa,
Do terno sabiá n'esse remanso
Não mais cadenciará de tronco a tronco
Cerulea borboleta em valsa aerea.

No antro escuro de cavada rocha
Açodada em pavor arqueja e ronca
Medonha jararaca, e despe astuta
O escamigero estojo que a reveste,
P'ra mais leve fugir a tanto estrago.
O esvelto veado em salto alipede
Galga nova espessura espavorido.

Grunhindo em longas varas serpenteam
 Ferozes caitetés por matagaes,
 Onde o ferreo mangil tenha poupado
 No ar, na terra, o succulento cibo.

Alli eterno ipê, onde mil vezes
 O dorso colossal de anta membruda
 Em furia abalroando, perseguida,
 Nem de leve abalára a copa augusta,
 No baque horrivel que arqueára angicos,
 Sobre o ar descreveu centos de estragos !
 De brancas imbaybas, derrocando-as,
 Para o céo a raiz torceu n'um sopro ;
 E a planta esguia de estrellados braços,
 Que ufana retratava no perimetro
 Hebraico candelabro em synagoga,
 Sobre o solo as esmaga desfolhada.
 Geme grudada no carmineo grelo
 Tarda preguiça, de nojento aspecto.

Oh dôr inexplicavel ! sotopostos
 Troncos a troncos, inda emmaranhados
 Na espessa malha das tenazes cordas
 Que como enxarcias sobre a terra a prumo
 O serpentino imbê do alto brotára,
 Vejo um rubro tiê, que á flôr purpurea
 Disputa o brilho co'a plumagem lucida,
 O desfiado ninho contemplando !
 Como tonto, a seu lado, o ar retumba
 Canoro *encontro*, lastimando a choça
 Onde incubára no amoroso termo
 Prolifica esperança de seus hymnos.

Embalde mortal pugna trava ha seculos
 Sicaria planta c'um aderno altivo.
 Como enorme lacraia nas vergontas

O sipó-matador tenaz se agarra.
 Rouba-lhe o sangue, o garbo lhe aniquila,
 Mirra-lhe os membros, cresta-lhe os pimpolhos,
 E abraçado c' o o putrido cadaver
 Do lenho que o nutrio, quer ir aos céos,
 C' os astros hobrear, e sobranceiro
 Saudar o sol, e recolher avaro
 Os puros raios da manhã serena !...
 Eis que o machado, a base lhe talhando,
 O sepulta d' um golpe, e vingá rapido
 Das leis eternas o frustrado codigo ;
 Assim tredo valido o sceptro usurpa,
 E n' um montão de ruínas se entronisa,
 Ergue-se ao céo no turbilhão sangrento.
 Que o volcão popular vomita em jorros !
 Mas, quando acalma a canibal tormenta,
 Precipite de chofre cahe, e encontra
 Nas fauces da cratera a morte, o nada.

Como tenue renovo, humilde planta
 Entre os gomos robustos que enraizam
 Valente cabiána, brota e alça
 Tortuosa virgulta, que arrimada
 Cresce e vigora, cochleando o tronco ;
 Manso e manso se entranha, e a seiba sorve.
 Mingua do bojo obeso o pando amplexo,
 Secca-lhe as folhas, atrophia o cerne,
 E em nulla podridão converte, esbroa,
 Aquelle que mil vezes triumphante
 Zombou dos furacões, zombou dos raios
 E cujo firme pé baldára as lutas
 A' broca activa das enchentes horridas.

Sobre as azas dos ventos caminhando,
 Suspensa nova victima se enrosca ;
 E de ruínas em ruínas rediviva

Inutil morre ! Qual avaro sordido,
 Que thesouros engrossa em porcentagens,
 Vampiro da miseria de mil homens,
 N'um catre estala entisicado á fome
 Sobre os milhões que aferrolhára o vicio !

Oh zona tropical, terra de encantos !
 Onde a natura baralhou grandiosa
 Das estações o quadro, recompondo
 Eterna primavera, eterna vida:
 Se ao machado cruel a flamma activa
 Succedesse somente, em breve quadra
 A phenix vegetal do novo mundo,
 Das proprias cinzas ressurgindo, e aos céos
 Verdes titães elevaria ufana,
 A cuja sombra dilatada e mansa
 Valentes legiões se abrigariam !
 De rubros angelins, odoros cedros,
 Louras parobas, guararemas causticas,
 No proprio ventre das errantes nuvens
 A esponja guedelha iria ovante,
 Antes do raio é do trovão medonhos,
 Sorver o cibo nas cinzentas chuvas.

Sem o prumo e a regua architectonica
 Bizantinas columnas se ergueriam,
 Naves sombrias, porticos soberbos,
 Sustendo a cup'la engrinaldada e mobil
 D'esse portento de verdura e nardo !
 Aureas grapiapunhas que no Atlantico
 Mofam tranquillias do marouço inhospito ;
 Eburneos pequiás, jaldes canellas,
 Purpureos mangalós, graunas magicas
 Que illesas mil incendios atravessam ;
 O rouxo guarabú, alma dos plaustros,

O purpureo brasil, que no universo
Um imperio brotou, viçoso, e grande !

Alli do ferreo lenho, eterno esteio,
Do roseo araribá, do copahyba,
Que o amago oleoso ensoberbece,
De odoros saçafrazes, succupiras
Do mimoso setim, aureo espelho
De novo a sombra na cerrada grenha
Quieta guarida offertaria ás aves,
Vitaes biscatos á innocente prole,
Quando nos ares pela guela intensa
Cospe o Capre na terra os dardos igneos,
Que em fructos saborosos se transmudam.

Sublime criação, nobre proscenio
De vida, amor, de melodia, e balsamo,
De terriveis combates !... e hoje ruinas !!!
Os teus umbrosos parques e aleas
A boscareja orchestra alegre e varia
Não mais recamará de seus gorgeios,
Nem o vate arroubadó e pensativo,
A'luz esverdeada que te inunda
Entre os effluvios da baunilha odora,
Graves inspirações, sacros mysterios.
Não mais recolherá em ondas de estro.

Teus sandalos que myrra lacrimavam,
Navetas copiosas do thuribulo
Que em seu altar thuricrema natura
Sobre o bafo da aragem matutina
Em ductos invisiveis meneava,
Os céos, e a terra, e as ruidosas aguas
De puro incenso perfumado prodiga,
O machado cruel volveu n'um ermo !

E entre chamma expira a nota augusta
Do hymno eterno da virente Flora!!!

CANTO II.

A QUEIMADA.

Quebrou-se a mola ao mechanismo excelsò
Do secreto artificio da natura!
O sol que outr'ora vida diffundia
Sobre a panda alcatifa da floresta,
Hoje resseca as monstruosas ruinas
D'esse templo sagrado onde mil flôres
Nas perfumadas aras entretinham,
Como vestaes, a sacrosanta essencia.

E' hora do labôr, fumea a terra
Mephitico vapor, que o rosto inunda
De suor, e no peit' ancias revolve;
E ao afro escravo dá vigor, esperta
Os membros que embalára em descampados
Igneo suão na Lybia abrasaderá.

Como moimentos que elevára em glebas
Guerreira prole a seus valentes mortos,
Taes se afiguram os truncados toros
Que em pé deixára o cauteloso ferro;
Ou d'insulanos, barbaros pagodes,
Talhados postes, monstruosos hermes,
Que em renque affinca oriental idolatra.
E' hora do labôr, sôa a busina;
E a leda turma, que abatera as victimas,
Preliba gosos na hecatombe immensa,
Que em breve as serras cobrirá de fumo
Como se dô vestisse a natureza!

E' hora do labôr, sôa a busina ;
No corneo isqueiro a pederneira encosta
O guapo capataz, e alçando a dextra
Move o fusil, rebentam as faiscas,
E no amago da mecha comburente
Se embebe o fogo, e bafejado augmenta.
Nas reliquias de putridos madeiros
Derrama a isca, cuidadoso sopra,
Activa a flamma que espadanas brota,
E de grossas vergontees a roborá.
Divide os fachos repartindo a gente,
E c'um brado commanda o holocausto.

Por cem partes rebentam terreas nuvens
De brancos fios, que simulam plumas,
Como os penachos do crinito tyrso,
Que a palma extremam dos ubás farpados.
Estridente soido o espaço enchendo;
Dá signal ás descargas incessantes,
Que rolam, como em fogo de alegria
Nos faustos dias que a nação consagra.

Como um bosque encantado e fluctuante
O fumo d'improviso se modela ;
Vivas linguetas, trisulcadas, varias,
Surgem do centro como troncos igeos ;
E ao som das salvas, do estampido estranho,
De novos arcabuzes, se ergue o fogo,
E o gaz intenso dos vapores calidos
O eóo tremula e as visinhas plagas,
Qual vaga crespa ao respirar de um zephyro.

Na boca agita o dedo e trina um grito
O ledô escravo, que africana crença
Lhe ensinou no deserto, p'ra dest'arte
Chamar os ventos a engrossar o incendio !

Cresce e se alarga um nevoeiro espesso
 De açafroada côr que em largas curvas
 Anovellado sóbe, e tinge o limbo
 De cambiantes perolas; na terra
 Lavra a fogueira calcinando os troncos;
 E aqui e alli em ramalhetes igneos
 As seccas folhas pelo ar volteam:
 Por entre a turva massa que se encopa
 Em negros turbilhões, se expande o fogo;
 Abre-se em antros de sulphureo aspecto,
 Retalha-se, agglomera-se, enrolando-se
 Em porfiados globos, sopra o vento,
 Descortina atravez da ardente fragoa,
 Como Brontes, em rija vozaria,
 Pelo bafo do inferno enegrecidos,
 Dançando alegre com brandões medonhos,
 Em tripudio satânico os escravos!

Como um combate de travada furia,
 Onde a morte vomita por cem bocas
 Cerrada chuva de inflammadas bombas,
 De cruzados pelouros que se-esmagam,
 E no choque reciproco se annullam;
 E além, nos muros de possante alcaçar
 Arde e rebenta o armazem da polvora,
 Toldando o ar, e estremecendo a terra,
 Tal se afigura o pavaroso incendio,
 Que se alarga, progressa, trovejando,
 Como se um genio do infernal abysmo
 Abrisse os antros em que habita a noite,
 E de horridos phantasmas povoasse
 Os céos e a terra com medonho estrondo.

Que estranha confusão, que accento horrivel
 A' voz da ruina inopinada mescla

A natura, e redobra o quadro hediondo,
No conflicto entornando scena insolita !

Na escura lapa de embrenhadas furnas,
Nesses invios covis de soltas rochas
Que rorantes cascatas desabaram,
Desperta o fumo as serpes monstruoças
Que eterna guerra ao fogo decretaram !
Em amplas roscas como raios surgem
Atraz surucucús varando os bosques,
Fendem os brejos, nas campinas voam,
E á queimada arremettem furibundas !
Como montantes que manobram Cides
A cauda vibram que na terra rufa,
Como rufa o tambor em campo armado ;
Arfando irosas tres medonhos roncoss ;
Erguem o colo fuzilando furias,
E á chamma investem com damnado arrojo !

Nem as roqueiras que os bambús ritombam,
E o fremente estridor que o vento engrossa,
Nem o bafo da morte a furia abalam
Desses monstros raivosos ! Implacaveis
Umás co'a cauda batalhando, cégas,
Os braseiros espalham destemidas ;
Outras se enroscam nos tostados postes,
E do alto de novo um bote atiram ;
Aqui e alli com tresloucados golpes
O ar atrôa a serpentina colera ;
Ora enroscando a chamuscada pelle
Na cinza ardente, que calcina as vertebras,
Jazem vencidas, e um nó gordio enlaçam ;
Ora convulsas arquejando morrem
Sobre o leito inflammado que as devora ;
E no exicio medonho expiram todas
Da guela despedindo atro veneno !

Venceu das serpes o incendio a sanha ;
E triumphante, impetuoso, lavra,
Lambendo os troncos co'as vorazes chamma;
Redobra o brilho co'investir da noite,
E o céo de fogo colorindo e a terra,
N'um pelago de sangue envolve tudo !

Entre rolos de fumo rebenta
Das taquaras o estalo medonho,
E o strid'lo longinquo, enfadonho,
Rufa salvas de fila no ar.

Colubrinas de fogo crepitam
Estridentes faiscas na terra,
E as montanhas de fumo que encerra
Em andrajos se rasgam no ar.

Como ingente canhão ribombando
As tabocas estouram mil roncões
Que abalando do solo mil troncos
Outro incendio revolvem no ar.

Espadellas de fogo se engrossam
Atravez d'espiraes d'atro fumo
Que seguindo das nuvens o rumo
Vão dos astros o róscio seccar !

Zune o vento, a fumaça s'espalha,
E os cepos dos troncos inflamma,
Como em aras egypcias, e a chamma
A' raiz se recurva a queimar.

Sobre o monte o incendio lavrando,
Com um throno infernal se assemelha !
Rola toros de viva centelha
Que braseiros espalham no ar.

Desse monte de brasas, de flammæ;
Ampla tenda se alarga, se estende,
Rouba aos astros a luz e pretende
Negras trévas no céo condensar.

Como outr'ora o Vezuvio sorvendo
A Pompei, a Resina, Herculano...
Tal o incendio n'um igneo oceano
Muda o céo, e a terra, e o mar!

Tudo é fogo, tudo é fumo,
Tudo estronda, tudo treme
Tudo queima, tudo freme,
Tudo é cinza, tudo é ar!!!

CANTO III.

MEDITAÇÃO.

Vinde comigo, Brasileiros sabios,
Ao lugar onde outr'ora se ostentava,
Cheio de vida, de fragancia e esmalte,
Monumento votado a infindos seres,
Odoroso theatro, onde mil scenas
A terra erguera ao som do hymno eterno
Das varias estações! Vinde comigo
Prantear desse templo viridante
As ruinas magestosas, convertidas
Em toros calcinados, e alva cinza!
De arte mesquinha, de alinhadas fórmæ,
Do breve escantilhão, recta esquadria,
A misera influencia nem de leve
Seu porte amesquinhou, quando soberbo
Meneava nos céos as grimpas floridas,
E da luz, do calor, do fresco orvalho,

O insufllo vital, que recebia,
C'o proprio aroma grato perfumava.

Amavel Freire (1), companheiro errante
Sobre o cimo das serras de Petropolis,
Que adoras a natura, e lhe consagras,
Sabio e artista, culto tão sublime !
Vem, chronica de Flora, vem comigo
Mesclar teu pranto, teus gemidos graves,
Sobre os delubros do formoso bosque
Que o céo da patria aviventou benigno.

Profundo e solitario Frei Custodio (2),
Que estudas a epopeia grandiosa
Das idades da terra, e que penetras
Co'a mente aguda nos vitas mysterios
Da vária criação, lendo na crosta,
Que arredonda este globo, os hier glyphos
De occulta historia, e na extractura saxea
C'o dedo mostras os annaes do mundo !
Archeologo profundo, que os sarcophagos
Dos priscos seres estudando attento,
Novos seres restauras, não mais vistos ;
Novos só p'ra nós, ultimos incolas
Do globo em que habitamos, cujos fastos
Disse Deos a Moysés, e este nos disse !

Vem, chronista da terra, vem comigo
Mesclar teu pranto, teus gemidos graves,
Sobre os delubros do formoso bosque
Que o céo da patria aviventou benigno.

(1) O conselheiro F. Freire Allemão, lente jubilado de botânica da Faculdade de Medicina do Rio, e naturalista celebre.

(2) Frei Custodio Alves Serrão, maranhense, profundo chimico, e que goza do grande credito entre nacionaes e estrangeiros, e cujo é muitas vezes citado nas obras estrangeiras.

Querido Magalhães (1), irmão d'esta alma,
Que vezes tantas no ditoso exilio
Meu peito arrebataste co'a torrente
Que teu genio borbota quando altivo,
E abrasado na flamma do improviso,
Milhões d'idéas, mundos, o universo
Abraça, convertendo em nobres hymnos ;
Vem, amigo saudoso, ao teu amigo
O pranto mitigar c'o lenitivo
Do augusto poderio da amizade!
Tu, a quem tantas vezes arroubado
Nas plagas escutei d'estranhas terras,
Sobre o mar, em cidades populosas,
Sobre os nevados craneos dos gigantes
Que a Italia escondem, que clausuram horridos
C'o seu throno hibernal o Eden da Europa
Ao Germano engenhoso, ao marcio Gallo ;
Que unido a mim em carinhoso amplexo
Libaste nos sagrados cenotaphios
De Dante, e Gallileo, de Buonaroti,
Osc'los de um nectar que desperta a gloria!...
Que ausente agora tua fronte espelhas
No meu patrio Guahyba!... vem comigo,
Gloria da patria, orgulho do meu peito,
Mesclar teu pranto, teus gemidos sacros,
Sobre os delubros do formoso bosque
Que o céo brasileiro aviventou benigno.

Meu nobre Silva (2), meu patricio caro,
Que a passos graves triumphante marchas
Por entre legiões de augustas larvas!...

(1) O bem conhecido poeta Domingos J. Gonçalves Magalhães, autor dos *SUSPIROS POETICOS*.

(2) Antigo reitor do collegio de Pedro II, e até bem pouco nosso encarregado de negocios em Haya.

Silva que eu amo, e a quem meu canto offerto,
Deixa os sepulchros dos helleneos astros,
E do reino da morte a lousa fecha,
Os doutos soliloquios suspendendo.
Teus ouvidos affeitos á magia
Da voz de Homero, dos antigos vates,
Tua alma emmaranhada nos prodigios
Das creações archotypas de um mundo
Onde do genio o diamantino escopro
Entallhou maravilhas, desprendendo
Suave melodia, aureo perfume,
Mal podem supportar meus debrís versos.
Comigo á erma campá, vem saudoso,
Da floresta, onde a prodiga natura
Do seio maternal brotára em cópia
Sobre um sólo infeliz tantos prodigios.
Que a mão do homem c'ó incansavel ferro
De dia em dia empobrecido torna!
O' filho de Linneo, vem, meu amigo,
Mesclar teu pranto, teus genidos graves,
Sobre os delubros do frondoso bosque
Que o sol da patria aviventou benigno.

Eis o retrato dos sagrados bosques
Onde os Cimerios, em sombrias furnas,
Do porvir os arcanos insondaveis
Com mystico artificio decifravam.
Eis de Carthago, e Babylonia, e Troia,
Da sacra Thebas, da purpurea Tyro,
Dessa antiga Albion, a triste imagem!!!

Supera o humano braço ao raio em ruinas!
Erostrato incansavel, dia e noite
Em padrão luctuoso estampa o homem
Novos triumphos, derrocando insano
Tantos thesouros que ás vindouras raças

Gritos de maldição, em desespero,
Aos céos farão soltar inconsolaveis.
No solo onde soberba dominava
Gigantesca floresta, em cujos hombros
Entre perfumes repousavam evos,
Rasteira messe humilde arado pauta,
Que dobrada não paga um só madeiro.

Nas mãos do bruto escravo, e da ignorancia,
Sega o ferro sacrilego, e profana
Dos virgens bosques a belleza, o preço ;
E no barathro infinde da sevicia
O timbre americano se aprofunda !
Onde fetos, palmeiras graciosas
Nos céos se espalmam, cadenciam livres
Como em dia de amor, em aurea liça
Argenteo morrião florêa as plumas.
Mudas leis que o porvir em trevas volvem,
Cavam abysmos, sorvedouros abrem
Ante o futuro deste Imperio immenso !

Deste imperio que abarca meio globo,
Que na urna amasonica, oceanica,
Frue com seus labios gigantescas ondas,
Nesse atlantico doce, cujas margens
Beijam as orlas portuosas, ricas,
Dos verdes mantos, grandiosos, virgens,
De dous imperios que a cobiça espartam
De fingidas amigas, que nos trahem !...

Eu não praguejo da lavoura provida
O braço creador e infatigavel,
Que as artes alimenta, e que converte
Com magico poder um grão em ouro.
Homem sou, e do fructo, que a cultura
Da terra colhe, meu sustento formo ;

Conheço o medio termo, a sã balisa
Que os limites contém ao siso humano :
Mas improvidas ruínas, sem proveito,
Sem plano, sem futuro !!!—sim, lastimo
A perda irreparavel de elementos
De invejavel grandeza ! Vejo campos
Semeados de arbustos ociosos,
Vejo nos montes mil roçados aridos,
Largos valles de inuteis capoeiras,
De reptis e de feras povoados,
Sem que a mão do cultor, mão poderosa,
Em fertes regiões dextra converta
Tantos terrenos, do desleixo imperio.
Choro dos bosques a riqueza imensa,
Choro das fontes o benigno amparo,
Dos rios a riqueza, e o ar saudavel
Que as florestas expandem de seu seio.

Mananciaes fecundos, insondaveis,
De vitas diascordios, santos balsamos,
Que na crosta, raiz, folhas, no fructo
Laborou a natura, e que algum dia
Em vão invocará no enfermo leito
Moribundo mortal, gemendo em ancias.
Do agro camará, da quina tonica
Extingue a raça o misero colono,
Junto á cabana em que deslisa a vida,
Sem na terra enxertar um garfo ao menos !
Na humana lista do incansavel sabio,
Que Pison e Margrave começaram,
Que o justo Saint-Hilaire, douto Martins,
A' culta Europa jubilosos mostram,
Vejo alistados cem Galenos patrios
Estudando, ensaiando os especificos
Que a vida escoram neste amargo exilio :

Vejo de um nobre impulso a marcha augusta
Benigna despontar ; mas vejo o ferro
Talar-lhe em breve o glorioso esforço !

Um dia chegará, incola insano,
Que o suor de teu filho a estrada banhe,
Que arquejando, cansado, em longos dias
Em vão busque um esteio, que levante
O herdado casal curvado em ruina !
Um dia chegará que a peso d'ouro
Compre o monarcha no seu vasto imperio
Estranhos lenhos, que mesquinhos teçam
Dos fastigios reaes a cumieira !
E os templos do Senhor o pinho invoquem
•Para o altar amparar das tempestades !
Um dia chegará, que imigas hostes
Intentem deshonrar nos, leis impondo,
E nós, bradando em furi, sem podermos
Em grossas naves de canhões bordadas
A affronta repellir, rasgar-lhe em face
O ousado pavilhão, e conculcal-o !...

Ah ! se a esperança de um brasileiro peito,
Deste peito ancioso, ardente e firme,
As azas multicores chamuscasse
No tição infernal que um monstro empunha,
Se os meus delirios não se ungissem nella,
Se de alegres visões não a cercassem,
Estalava de dôr.....
Se um sombrio crepusc'lo no horisonte
Sinistro espectro debuxasse ao longe,
E a patria me envolvesse em negras trevas...
Antes a morte que uma vida indigna.
Não é vida ante os olhos ter constante
De um horrido esqueleto a imagem árida,
De um quadro carcomido e laceñado

Pelo trado do verme do eguismo,
E ouvir ao longe foragida, erna,
Soluçar a virtude, e o heroismo
Ante o altar do escarneo definhando !...
De um autro onde a razão fallece em trevas,
Dubio reino onde imperam mil sophismas,
E a verdade estrebuxa entre torturas ;
Fujamos para sempre, e alçando os olhos,
Pela patria, por ella a Deus roguemos.

Tu és, ó patria querida.
Um nuno da Providencia !
Tu és da belleza essencia,
Um vaso de almo esplendor !

Nos teus rios diamantinos,
Nas tuas montanhas de ouro,
Se ajunta o maior thesouro
Que o mundo póde invejar !

Nas tuas florestas virgens
Tens mil esquadras, mil pontes,
E nas entranhas dos montes
Tudo p'ra um mundo comprar !

E's o Cresco das nações,
O orgulho de toda a terra :
Tudo o que é grande se encerra
No teu seio creador !

Combate, supplanta, esmaga,
N'um sec'lo de vandalismo,
O vil, sedento egoismo,
Que a gloria quer-te aviltar.

Não consintas a pygmêos
Traçar teu destino e gloria ;
Que no templo da memoria
Mesquinha mão não entrou.

Ainda teu solo esmalta
Da virtude a planta augusta,
Com tal germen nada custa
A nobre estrada trilhar.

Freire, Serrão, Magalhães,
Silva, vamos trabalhando ;
Pouco importa se lutando
Uma idéa se plantar.

Essa idéa, ó brasileiros,
E' toda pura harmonia,
E' diva como a poesia,
E' da patria um santo amor.

PEDRO DE CALASANS.**A VISINHA.**

Se chego a janella, si lanço-lhe a vista
Com ar de desprezo, me diz—que maçada !
Si accaso confesso que morro por ella
Recebo em resposta tremenda rizada.

Ao passo que ri-se de mim que a venero
Não pensa, não scisma senão no *calouro*
Oh ! tempos de outróra ! meus tempos de Olinda
Em que se podia tocar um *estouro*.

Se ensaio nos labios um terno sorriso
Sorriso que exprima meu culto por ella,
Ou volta-me as costas, ou cheia de orgulho
Abaixa as vidraças e sahe da janella.

Mas logo que ao longe se mostra o *calouro*
Calouro maldicto que é meu Cabrion
Correndo faceira procura a janella
Com todo o requebró de moça do tom.

Oh ! tempos felizes ! oh ! tempos de Olinda !
Quem era um calouro p'ra ter namorada ?
E enquanto suspiro por pratos e buzios
Vae elle fazendo gentil barretada.

E ella vermelha qual uma cereja
Com olhos brejeiros pregados no chão
Dá mais uma prova que morre por elle
Com tal embaraço, com tal confusão.

E o tolo, o janota saltando de alegre
Por dar um codilho no seu veterano
Diz quatro graçolas, mas secca-lhe a muza
E ei-lo citando *direito romano*.

Recorre ao Waldeck, procura argumentos
Que provem que a moça o não deve deixar
E cita o *digesto* falando em *pandectas*
Diz cousas horriveis de ao mundo pasmar.

Que moça sem gosto, prefere o calouro
A mim que sou grande, que sou veterano
Pois bem, teu castigo será aturares
Os textos insulsos do Direito Romano.



PEDRO LUIZ PEREIRA DE SOUSA.**NUNES MACHADO.**

Vai a noite medonha— a lua triste,
Rodeada de nuvens côr de sangue,
Lá corre pelo céo...
Como virgem de amôres perseguida
Por demonios horriveis que procuram
Despedaçar-lhe o véo.

A campina s'estende immensa, escura...
E da floresta ao longe na espessura
Braveja o turbilhão!
Quem passa se ouviria a voz dos mortos
Tocar nas folhas e roçar-lhe a face
Pedindo uma oração.

São horas de sonhar! Pálido e triste
Um vulto ali de pé murmura e chora!...
Que sonhos que elle tem!
Dessa cabeça o negro pensamento
Sabem sómente Deus, a lua, o vento
E mais.... e mais ninguem.

Junto delte se via denegrada
Lousa funerea, tendo á cabeceira
Signal de redempção!
Passa a noite com todos seus horrores,
Mas não conta o segredo que ali mora,
As cinzas de quem são.

Mas de repente rapido relampago:
No céo, depois no ar, depois na pedra

Vermelho reluzio
Quem pó-le lêr o nome do finado
Do relampago á luz?—NUNES MACHADO

Escripto ali se vio.

E o peregrino que jazêra mudo
Ouvindo só as notas da tormenta,
Quando o raio vibrou
Cruzando os braços, alteando a frente,
Fitou alguns minutos o horizonte,
Depois assim fallou :

Este viveu no meio da batalha
E á santa liberdade se abraçou,
Tinha por voz o estouro da metralha
Que palacios e thronos abalou ;
Hoje somno fatal dorme o gigante,
Mas inda vive aqui su'alma errante,
Que o cadaver sómente se destróe :
Elle passa gritando « Liberdade ! »
Os ribombos da negra tempestade
São gemidos que sóta o grande heróe.

Oh ! sombra augusta, sombra veneranda,
Despreza nossa pobre geração !
Ella chamou de vil e de nefanda
A bandeira que erguias nessa mão :
Lá nos campos escuros do passado
Tua figura está, Nunes Machado,
Tão grande como é grande um semi-deus !
Elles querem manchar-te o nobre vulto,
Mas tu debes te rir, calcar o insulto :
O gigante desdenha os pygmeus !

foi o albor da revolução

Elles querem que rasgue-se da historia
Essa folha—epopéa de valor :—
São blasphemias ! um cantico de gloria
Ha de sempre seguir o lidador.
Oh ! revistam-se embora de mil côres,
Podem de bruços entoar louvores,
Estendendo o tapete aos pés do rei,
Mas não queiram cuspir do heróe na face,
Pois si a luta algum dia se travasse,
O seu nome talvez marcasse a lei !

A columna de fogo no deserto
Guiava a raça inteira dos hebreus :
Sem ella o caminhar seria incerto....
Pharol acceso pala mão de Deus !
Pezadelo fatal da tyrannia,
O seu nome tambem nos allumia,
Dissipa do futuro a cerração ;
Mas o povo esqueceu-se dessas lendas,
Levantou no deserto suas tendas,
E não chega ao paiz da promissão.

Oh ! que pezar terrivel não opprime
A fronte do valente sonhador !
Si elle falla, quem falla é a voz do crime,
Cobrem-se os rostos de mortal pallor ;
E elle passa além, cantando um hymno
E murmura pensando no destino :
« Quando é que avistaremos o Sinay ?
E um dia vem que a voz morre no peito,
A terra lhe offerece um frio leito....
O pobre sonhador soluça e cae.

A vingança depois é muito nobre !
São blasphemias e gritos e baldões !
Na terra fria que o cadaver cobre

Não ha flôres, nem cruz, nem orações!
A raça dos escravos tripudia,
Com esse arrojo vil da cobardia
Mesmo em cima da campa folga e ri!
E ás vezes nem sobre ella o povo chora,
Caminha indifferente, vai-se embora
E não sabe quem é que dorme ali.

Tu, heróe, que viveste grande e forte
Sempre cheio de crenças no porvir,
Tu que lutaste tanto—até a morte,
Sem no peito a esperança succumbir,
Vem dizer aos soldados do futuro
Que si acaso o horisonte está escuro,
Nem por isso elles devem vacillar;
Vem dar força dos bravos á fileira,
Que elles hão de seguir tua bandeira
E com ella na frente hão de lutar.

Elle devia vir cheio de gloria,
De braços estendidos para nós,
Avivar-nos o sangue e a memoria,
Fazendo retumbar a sua voz.
Oh! diante da sombra o mundo pasma!
Levanta-te dahi,—grande phantasma—
Envolvido no funebre lençol,
E mostra á geração que está corrupta
Como deve lutar, como se luta
Com espada valente á luz do sol!

Levanta-te, vem vêr, nobre guerreiro,
O que neste paiz hoje se faz;
Ha de lêr algum dia o mundo inteiro
Infamia, perdição! nos seus annaes:
Tu que outr'ora bradaste furibundo,
A' face do Brasil, de todo o mundo,

Pela santa bandeira da nação,
O que farias hoje, heróe sublime,
Si é sómente poder—fingido crime,
Liberdade—fingida escravidão?

Elle era immenso, tinha uma esperança,
Era um sonho de gloria e de valor,
E ao mesmo tempo um grito de vingança,
Blasphemia horrivel de pungente dôr!
Tinha planos tambem de flicidade.
Mas lembrou-se da patria e liberdade,
Na peleja medonha se atirou:
Despedaça inimigos, rompe fardas,
Ri do canhão, despreza as espingardas....
Quanto sangue d'escravo derramou!

Era louco por nossa liberdade,
Por ella como um louco se bateu:
No entretanto, cruel fatalidade!
Por mão de um assassino o heróe morreu!
Quanto melhor não fôra, na batalha
Aos gritos pavorosos da metralha
Succumbir abraçado ao pavilhão!
Veria o céo azul enfumaçado,
E de sangue e suor todo banhado
Como um bravo tombára ali no chão!

Mas não choreis, irmãos, si elle está morto
A liberdade ainda está de pé!
Como fazer sem vida, sem conforto,
Si é tão viva e brilhante a luz da fé!
Oh! tyrannos, o deus da liberdade
Quando cae não vos pede piedade:
Levanta-se mais forte,—é outro Antêo:
Quando um braço valente cae por terra,
Surgem quarenta promptos para a guerra,
No lugar desse bravo que morreu!

QUINTINO BOCAYUVA.**INNOCENCIAS.**

— Vês acaso minha filha
Aquella nuvem formosa
Que vem correndo no céo ?
— Vejo, sim, minha mamãe
E que linda côr de roza
Que ella tem ; oh ! quem lh'a deu ?

— E vês, filha, lá mais longe
Aquella sombra que andando
Cada vez mais vem crescendo ?
— Ah ! mamãe, que tão escuro
Parece que ~~vae~~ ficando,
Vae como que anoitecendo !

— E' isso mesmo, filhinha
São ho'as já de deitar-te
A noite não tarda vir !
Vem depressa, vem rezar
E irás depois reclinar-te
Sobre teu leito, a dormir.

Olha, aquella nuvemzinha
Que vae da noite tremendo,
Douda a correr pelos céos
Quasi tonta de assustada ;
Vae abrigar-se correndo
No vasto seio de Deus !

— Ah ! mamãe, vou já dormir
 Vou cerrar os olhos meus
 Porem não no leito meu ;
 Quero dormir em teu seio
 Como no seio de Deus
 A nuvensinha do céu !

— e o o o —

A DOENTINHA.

(SERENATA DE ULHAND)

— Que doce canto me esperta !
 — Se eu velo junto a teu leito
 Minha filha e nada escuto !
 — Eu ouço, mamãe, lá fóra
 Um canto suave, aereo !...

— Olha, a febre pode vir.....
 — Ah ! mamãe, agora os cantos
 Parece que se aproximam !
 — Dorme, pobre doentinha
 Que sonhas com serenatas ;
 A tal hora os galans dormem.

— Os homens?!... e que me importam ?
 Uma nuvem me arrebatá
 Adeus, mundo ! Mãe, adeus !....
 Adeus ! que esses sonhos estranhos
 São o concerto dos anjos
 Que me chamam para Deus !

SONHEI-A!

(PARA RECITAÇÃO)

Sonhei-a! dormia c'o as mãos sobre os seios
Talvez nos anceios d'um vago sonhar!
E vinham-lhe ao rosto quebrar-se em desmaios
Os pálidos raios de um tibio luar.

Que noite! que ar puro! que magico effeito
Nas fibras do peito senti palpitar,
Que sustos, que angustias! por vel-a abatida
Por vel-a dormida tão perto do mar!

E a noite ia alta! e a briza gemia
E o mar parecia quere-la beijar;
Dormia tão perto que os alvos vestidos
Julguei confundidos c'o a espuma do mar!

Assim que avistei-a de longe correndo
Cheguei-me tremendo já quasi a toca-la....
Propicia era a hora, da noite o ensejo
E louco n'um beijo fui quasi acorda-la!

Mas antes do beijo depor-lhe na fronte
No largo horisonte, eis, surge-me o dia!
O encanto desfez-se; a sombra fugio-me
Fugio-me! e entre as névoas da noite perdi-a!

SALVADOR DE MENDONÇA.

NO ALBUM DE A. C. G.

A c'rôa do universo, a luz da immortal gloria,
O Eterno a circumdou de chamma perennal ;
Cesar ou Bonaparte, os homens da victoria,
Queimaram nella a fronte—a fronte imperial !

Da terra a van fortuna, a hypocrisia humana,
Cantou na voz da terra o excelso Molière ;
Dos céus mysterio falso á mente soberana
Cantou na voz dos céus o archanjo-rei Voltaire.

E o mundo só lhes deu por um cruel fadario,
Emmurhecida palma— a palma dos descrentes !
A propria c'rôa Augusta do homem do calvario
Foi de espinhos e sangue e lagrymas ardentes !

TRAJANO GALVÃO DE CARVALHO.

NO ALBUM DE B. S.

Sorrisos e prantos e raios e sombras,
E goivos e rosas e a brisa a fugir...
Imagens da vida, saudade pungente,
Crepuse'los incertos do incerto porvir...

De prantos e raios fez Deus uma c'rdã,
De risos e sombras o mundo outra fez :
E a c'rdã do mundo cingiu—a Lucullo ;
De raios a c'rdã quem cinge ? Moysés.

Oh ! bardo, si a vida que vives na terra,
Juncada de goivos em pranto correu,
Do bardo nas fontes os goivos são louros,
E os prantos da terra são risos no céo.

ESTUDO SOBRE A NACIONALIDADE DA LITTERATURA.

L'histoire de belles-lettres, à proprement parler, est celle de la civilisation des peuples.

ANONIME.

I.

Quando os povos, sahindo da ignorancia, enxergaram a luz da sua dignidade, o instincto lhes dictou imperiosamente denominar *bellas-lettres* a sua civilisação.

Não padece duvida que razão lhes sobajou para assim procederem na marcha da sua vida social; porque o homem aprendeu, auxiliado por ellas, a conhecer-se melhor, a estimar mais a propria dignidade, a estreitar mais os laços da belleza e da virtude, e a tornar menos desgraçada a sua condição: a esta causa deve ser attribuido o bonito epitheto que, mais adiantados na rota da sabedoria, lhes deram, denominando-as *lettres humanas*.

Com ella entra nas veias do corpo social tudo o que ha de mais nobre, generoso, amavel, bom, puro, sancto e digno da natureza quasi divina do homem.

Phenomeno notavel é para os pouco pensadores não acharem nos povos escravizados essa lampada sagrada da litteratura nacional; por pouco, porém, que se reflecta na causa desta verdade, poderemos lobrigal-a immediatamente se attendermos á natureza da litteratura de todos os povos. Os homens e as sociedades, quando não são independentes, arremedam perfeita

mente essas plantas que nutrem-se da seiva das arvores com as quaes entrelaçam-se, e cujas fórmas superficiaes tomam emprestadas.

E essas plantas mesmo separadas dos troncos a que estavam agarradas, com todas as suas forças, conservam por muito tempo os vicios daquelles.

Estudemos a litteratura norte-americana e ficaremos compenetrados de que Washington Irving, Prescott, Wm. Cullen Bryant, Longfellow e o mesmo Cowper não são authores americanos, mas sim imitadores, mais ou menos felizes, dos inglezes Spencer, Ioung, Moore, Hume, etc, embora não hajam produzido um Milton, um Shakespeare, um Byron; porque é uma verdade eterna que as imitações nunca podem chegar a ser senão arremedos.

Folheemos essas volumosas collecções de poesias hispano-americanas, esses numerosos folhetos historicos, litterarios e romanescos dos povos da raça hespanhola, e veremos immediatamente a imitação dos povos antigos — sem encontrarmos um Lope de la Vega, um Garcilaso, um Quintana, um Cervantes, um Saavedra Fajardo, um Espronceda; porque é uma verdade eterna que as imitações jamais são originaes.

O que acabamos de ver nas terras anglo e hispano-americanas, observaremos, dadas algumas honrosas e raras excepções, nas vastas comarcas brazileiras.

E porque? Porque as nossas tradições, os livros com que somos educados na meninice, os modelos que temos á vista são gregos, latinos, ou dos nossos antepassados: nos theatros só vemos cousas do outro continente, ou rachiticas imitações daquellas scenas sociaes, politicas e moraes: as novellas são europeas, é tudo o que nos afaga os sentidos e a mente é ultramarino.

Se a America fosse ainda colonia politica das me-

tropes europeas, nada haveria mais natural do que vê-la imitar a mãe patria, em todas e em cada uma das phases da vida social, politica, litteraria e mesmo domestica; mas sendo de facto independente, ha perto de meio seculo, é para maravilhar contemplal-a simples imitadora dos seus antepassados satellite opaco que só recebe luz de terras estranhas que ficam afastadas do seu hemispherio.

La litterature d'un pays, outre le cachet de la nation, doit porter encore le cachet du siecle courant.

ANONYME.

II.

E' um axioma politico-social que os povos são filhos da sua natureza, dos seus fastos nacionaes. da influencia dos acontecimentos, os quaes dominam directamente seu modo de ser moral, modificam de mil maneiras e diversificam até o infinito os progressos e as consequencias da educação do genero humano, como diz um author, de cujo nome não nos lembramos neste momento.

Daqui resulta em cada paiz civilizado um espirito geral que, inspirando a todos os seus habitantes essa conformidade de opiniões e de sentimentos, tão conveniente aliás aos filhos de uma mesma patria, determina o caracter individual da nação, e o caracter nacional dos individuos.

A litteratura hellenica, a romana, a allemã, a ingleza, de Warren a Pope, de Milton a Byron, de Shakespeare a Moore; a italiana, a hespanhola, a franceza, e as mais têm o seu cunho especial, o seu aroma nacional, a sua originalidade, os seus atavios proprios:

só a litteratura das tres raças dominantes no novo continente carece desse caracter individual da nação e do caracter nacional dos individuos, e este defeito é imperdoavel, brada calorosamente contra os seus escriptores e pede com energicas vozes remedio a um mal tão desastroso.

Quem melhor do que nós pôde emprestar tropos atrevidos, imagens gigantescas, comparações sublimes, contrastes admiraveis, scenas portentosas á natureza cuja pompa esmaga o e-tro poetico dos homens do antigo mundo? Quem melhor do que nós pôde cantar o ceu rutilante de astros, as brisas fagueiras, o ar vital, o sol esplendente, o ceruleo manto equatoriano? Quem melhor do que nós pôde, sem ser oriental no estylo, mostrar-se grande, sumptuoso e sublime!

Que necessidade temos nós de imitar os modelos da antiguidade grega, romana e do velho mundo moderno para crearmos uma litteratura nacional grandiosa, uma pintura nacional invejavel, uma es-cultura nacional sorprendente, e assim das ou ras artes? Haverá uma natureza mais rica de contrastes do que a nossa? Porque se tornaram immortaes os grandes genios do antigo mundo? Porque imitaram, surprenderam, roubaram á natureza, que lhes servia de livro, os seus segredos; as suas mysteriosas riquezas, esses serenos accidentes que lhes emprestam o seu caracter especial.

A historia nos revela que os romanos á medida que iam perdendo de vista o capitolio, degeneravam e lhes parecia que haviam perdido tudo. A aguia romana, como diz um author, a civilisação retrogradavam diariamente perante os ferozes pendões dos barbaros.

Os poetas, releve-se-me a parodia, os escriptores e os litteratos americanos devem ficar plenamente

convencidos de que á medida que forem afastando-se da sua sublime natureza degenerarão e perderão a originalidade. O vôo rapido e sublime do condor americano, fendendo as puras regiões nataes, se amesquinhará quotidianamente se imitar os modelos de outro hemispherio, obliterando-se nelle o cunho nacional.

Consta-nos que não é dado á multidão ser creadora nessas esphas da intelligencia; mas os privilegiados devem mostrar-se namorados da sua natureza para procrear de per si, do mesmo modo que o fizeram os nossos antepassados nos seus paizes.

Alguma cousa mais difficil é para os povos americanos ser originaes nos seus quadros historicos; porque até o dia da propria independencia politica foram europeus os heroes de seus fastos.

Inegavel é, porém, que mesmo olhando o fundo da litteratura americana por este lado, pode se ser original; visto que não faltaram no meio seculo transacto homens e episodios caracteriscos destas regiões — e tambem os houve nos tres seculos coloniaes sem serem europeus.

O poder do exemplo, do clima, dos acontecimentos que presenciaram os nossos pais e nós mesmos são mais do que sobejos elementos para dar-nos um caracter nacional.

Critica mui sensata é a que se tem feito neste seculo aos authores europeus e americanos que não sabem prescindir dos deuses do gentilismo nos seus versos e prosa; porque na realidade, que apresentam de commum essas deidades pagãs com a philosophia das paixões e o christianismo?

Não basta esquivar os quadros dos seculos remotos nacionaes é necessario imprimir nos nossos escriptos o cunho do seculo em que vivemos; porque a vida dos estados, como a nossa, tem as suas phases diversas.

O espirito geral proprio de cada povo tem por socio o espirito particular caracteristico de cada seculo.

Nós, os homens, somos devedores ao espirito do seculo em que vivemos, e que serve para nossa alma como uma especie de atmospherá moral, desse colorido de caracter, dessa preferéncia marcada por uma certa ordem de cousas, dessa diversidade de preoccupações que distinguem, para assim dizer, cada uma e todas as gerações da grande familia humana, como diz um academico francez do seculo passado.

Remonter vers les premiers termes de la constitution essentielle primitive des lettres nationales, doivent être nos premiers pas dans cette progression toujours croissante, qui conduit les nations au plus haute periode de la gloire e de la puissance.

ANONYME.

III.

Não se deve acreditar que por termos estabelecido as maximas que precedem, votamos ao desprezo a litteratura dos nossos maiores: não é este nosso propósito; porque sabemos que, desconhecendo a constituição essencial e primitiva das letras patrias, não poderemos attingir ao apogeo da gloria e do poder nacionaes.

Os modelos da antiguidade, denominados classicos no sentido genuino da palavra, não são para nós exemplares como os das salas de desenho e estatuaria; acatamos os seus escriptos, como typos da natureza moral para serem estudados, mas não servilmente imitados.

A quem imitaram Byron, Homero, Platão, Aristoteles, Socrates, Hortencio, Cicero, Virgílio, Ovidio e a pleiade gloriosa dos oradores, poetas e philosophos de que ufana-se a sabedoria humana? Estudaram, compararam e analysaram a sorprendente natureza, e por essa razão tornaram-se celebridades originaes e immorredoras. E seja dito, em honra da verdade, elles careciam do que nós abundamos, — de exemplos; — não possuíam a tradição, nem nadavam na atmospherã evangelica de que nos encontramos circumdados desde o berço até além do sepulchro.

O homem do seculo XIX tem dous impagaveis mestres, duas quasi divinas escolas, dous inexgotaveis mananciaes—natureza e religião— que doutrinam, tornam entes creadores e satisfazem a mente, o coração e o corpo do homem.

A constituição essencial e primitiva dos escriptores americanos pôde ser encarada de dous modos, a saber: pelo lado das idéas, e pelo da materialidade da lingua.

O campo das idéas é a natureza americana, que nada tem de commum com a europea, seja ella grega, latina, portugueza, franceza, italiana, tedesca, ou de outro qualquer povo do antigo hemispherio,—natureza sublime, possante, anomala, sorprendente e virginal, capaz de crear creadores: senão a estudamos, senão lhe roubamos os seus arcanos, senão profanamos algumas vezes o seu thalamo mysterioso, não geraremos idéas americanas, e mesquinhohos appareceremos perante os mais povos, mendigando amores da velha escola que carece da morbida frescura da virgem intertropical. Quanto ás idéas podemos exclamar affoutamente com Correggio, *anche noi siamo pittori*; mas a respeito de linguagem é a mesma a nossa condição; porque se queremos cativar com

phrases castiças, fluentes e elegantes os animos dos que nos leem e escutam devemos cultivar as linguas mortas, para os indoctos, principalmente a do Lacio, e as vivas que fallaram Camões, Cervantes, Dante, Corneille e Goethe. E não nos é licito, mesmo a respeito das palavras, ficar estacionarios; porque nesta mais do que em outra qualquer materia brada aos nossos ouvidos o progresso sempre crescente da nossa perfectibilidade que nos conduz insensivelmente a um periodo mais elevado de sabedoria e gloria.

A lingua patria, ha tres seculos que é descuidosa e criminalmente deixada em esquecimento pelos mesmos que de lei e dever a deviam cultivar, e a este deleixo pouco prudente ha de ser attribuida a indifferença com que somos olhados pelos povos que, mais patrioticos no rigor da phrase do que nós, aperfeiçoam as suas, estendendo o seu dominio moral pelos paizes estrangeiros. O dominio da força e da violencia é momentaneo, ephemero, ha um poder superior a seu tyrannico imperio, que encadeia os vencedores no mesmo carro das suas victorias; e este poder é a religião, a lingua, as lettras, e as leis. E qual é a rasão d'esse poder perpetuo? E' o uso que fazem os homens das suas faculdades, e o conhecimento que tem do seus proprios interesses. Esta é a verdadeira rasão porque os povos legisladores e lettrados tornam dominantes as suas linguas.

Como se quer infiltrar na mente e no coração do povo brasileiro o espirito nacional, se a legislação é um plagio dos codigos estrangeiros; se a religião não é interpretada senão por bocas ou livros estrangeiros; se a litteratura não apresenta senão arremedos desgraçados das glorias estrangeiras; se os theatros nos não fornecem mais do que pessimas rapsodias historicas, nos dramas da vida social; se as artes são

estrangeiras, o modo de trajar e mobilar as nossas casas tudo é estrangeiro ?

Até, que os nossos legisladores sejam creadores nacionaes ; os nossos pregadores sagrados se tornem expositores do Evangelho á maneira americana ; os nossos dramaturgos enthusiasmem a imaginação do povo com rasgos americanos ; os nossos usos e costumes sejam eminentemente americanos, não teremos um character nacional.

Mas, poder-me-ha interromper alguém, notando que a constituição essencial e primitiva das letras nacionaes tem por alicerces a Grecia antiga ; a Roma dos Catões, que desterrava da cidade rainha os philosophos e os mathematicos ; a influencia do christianismo sobre a philosophia, exercida aquella por Athenagoras Justino, Origenes, Tertulliano, Lactancio, Agostinho, Clemente, etc. ; os ecclecticos, os novos platonicos os escolasticos, os arabes, as ordens da cavallaria ou os tempos das cruzadas, os jurisconsultos, a historia dos povos velhos, a influencia do bello sexo, a reforma dogmatica, a revolução franceza, e a conquista do novo mundo, material e moralmente fallando ; mas estas observações em parte tem tido as suas respostas nos paragraphos precedentes, e pôdem ser contestadas victoriosamente com factos recentes e palpaveis.

O homem é essencialmente o mesmo composto de espirito e materia aqui e nos quatro angulos do globo mas diversifica nas modificações do seu ser pela influencia do clima, das tradições, dos usos, e do espectáculo que lhe serve de primeira lição, na meninice. Ninguém, a não ser baldo de rasão, pôde asseverar que o nosso céo, a nossa terra, a nossa vegetação, os nossos productos naturaes, a nossa historia indigena, sejam iguaes aos elementos semelhantes que formam o fundo das letras dos povos estrangeiros.

Porque, pois, não nos adiantamos na róta da propria civilisação e ficamos sempre rachiticos imitadores dos povos velhos? A razão é simples: porque não estudamos, não comparamos, e falta-nos a constancia inherente aos genios creadores, qualidades filhas do espirito nacional, quando é verdadeiramente patriótico.

Le génie brésilien doit suivre sans obstacle le cours que lui trace la nature, dans une contrée et sous un climat qui sont comme la patrie de la beauté.

ANONYME.

IV.

O Brazil e a raça ibera, em geral, poderiam representar nas Americas o mesmo papel que representaram a Grecia e o Occidente europeu, a respeito da civilisação asiatica.

Vamos explicar o nosso pensamento.

O Brazil póde, como os gregos, amalgamar os materiaes da sua litteratura, crear a sua historia, e formar os seus usos e costumes, transportando-os, juntamente com a sua natureza, ao seio das sociedades antigas e ao coração das selvas do novo mundo.

O Brazil póde receber dos seus nomadas, como os povos occidentaes da Europa, receberam das nações septentrionaes, idéas novas, melancolicamente sorprendentes, historicamente interessantes, como me apraz fazer-vos-lo ver no contraste que segue:

Os povos septentrionaes europeus que dividiram entre si os despojos de Roma, nascidos nas margens geladas dos seus rios de neve, entre rochedos ameaçadores, no seio de paludosas lagôas, sempre vestidas de neblina, ou creados á sombra das florestas silenciosas, receberam juntamente com a vida uma sensibilidade

fria, concentrada, pouco expansiva : os povos indígenas americanos, dominados pela raça ibera, despojados dos seus imperios, nascidos nas margens opulentas de caudalosos e ingentes rios, entre valles sumptuosos de vegetação, testemunhas das maravilhas dos tres reinos, no seio da abundancia, n'um mar de resplendores, ou creados á sombra das divinas e animadas selvas de intertropicos receberam juntamente com a luz do dia uma sensibilidade calorosa, expansiva e deliciosamente hospitaleira. A imaginação dos povos septentrionaes europêos, tão pouco movel como os seus sentidos, estava constantemente amesquinhada pelo espectaculo d'uma natureza rude e estrictamente selvagem.

Dir-se-hia que o aspecto medonho de um céu sempre amuado misturava, em todas as creações dessa faculdade rainha, um vacuo indefinivel ; eis ahí a razão porque os fantasmas informes e desbotados com que povoava o universo, perdiam-se, como sombras quasi indistinctas no fundo medonho e nebuloso dos seus paineis monotonos : a imaginação dos indígenas da America intertropical tão movel, como os seus sentidos, é constantemente afagada pelo espectaculo grandioso de uma natureza sublime, bella e inimitavel ; o aspecto de um céu sempre limpido mistura em todas as creações da fervida imaginação um certo não sei que de voluptuosamente melancolico que sublima o homem ; as imagens feiticeiras e cheias de colorido que povoam a natureza americana, dão vida aos mais inertes espiritos.

E depois deste paralelo ousará alguém, por prevenido que queira manifestar-se contra os litteratos da actualidade brasileira, asseverar que os nossos antepassados possuíam melhores elementos do que nós para crear novos mundos litterarios ?

E se os homens occidentaes da Europa, dominados pelos barbaros, e não dominadores, puderam crear concepções engenhosas, brilhantes e grandiosas que encantam o nosso espirito, que despertam o gosto mais apurado, que sublimam as almas e tocam os corações, que de maravilhas novas não poderemos crear nós, dominadores e não dominados, filhos da luz e não das trevas, herdeiros da cansada civilização, e neophytos do novo culto do bello e do sublime ?

O genio brasileiro deve seguir, sem olhar obstaculos, o curso que lhe é traçado pela natureza n'um paiz, e debaixo da influencia de um clima, que são a patria da belleza e da inebriante melancolia.

A rima, filha do echo e irmã da melancolia, é originaria das solidões do globo. Os gemidos da natureza, que respondem aos queixumes do homem, nos lugares mais ermos da terra, consolam os nossos ouvidos em meio do imponente silencio do deserto, offerecendo-nos a doce mentira da voz do homem.

O americano deve ser naturalmente poeta, e inclinado a essa sublime melancolia, que não é outra cousa mais do que a lembrança saudosa e confusa da nossa grandeza cahida e o presentimento intimo dos altos destinos que nos aguardam na futura patria.

O genio brasileiro deve seguir o curso que lhe é traçado pela natureza, n'um paiz, que é o solo da belleza e da inebriante melancolia.

*Mais une nouvelle lumière com-
mence luire sur le peuple brésilien.*

ANONYME.

V.

A razão humana, á medida que goza da liberdade.

parece que ganha mais altura nas regiões da intelligencia.

Quereríamos encontrar nos annaes dos povos antigos uma época que fosse semelhante approximativamente aos dias presentes do Brazil ; mas não a encontramos ; porque o ponto de partida deveria ser um periodo revolucionario em lettras ou religiãq, periodo ruidoso, como o dos escolasticos, dos jurisconsultos, dos historiadores, e dos acontecimentos do seculo decimo quinto—restauração das lettras antigas, invenção da imprensa, descoberta de um novo hemispherio, e propáganda lutherana e calvinista. Entre nós ainda não appareceu um Luthero litterario, genio fogoso, prompto a sacudir todos os jugos, amante até o extremo dos seus proprios pensamentos, espirito innovador ; cuja novidade excite o seu orgulho, e cujo orgulho o precipite sem cessar em novas novidades. Se houvesse um genio entre nós, com as qualidades de Luthero para a litteratura, veríamos comover-se todos os espiritos, todas as paixões, e desenvolver-se uma actividade prodigiosa, que aguilhoaria o espirito innovador sob diversas e variadas fórmias tornando os defensores das antigas idéas litterarias innovadores tambem ; pois que quando trata-se de transtornar todas as cousas, busca-se igualmente reconstruir e para esse fim nada se deixa de investigar.

Acontece nas revoluções litterarias o mesmo phenomeno que nos transtornos materiaes : do seio das ruinas sahe uma multidão de idéas novas. A mór parte destas assemelha-se a essas luzes ephemerass que a gente pouco instruida acredita ser astros errantes, os quaes não fulguram senão por instantes nas trevas, para depois confundir-se na escuridão ; mas sempre, ficam alguns resplendores que illuminam a rota da verdadeira civilisação.

O Brasil não apresenta ainda Lutheros, Calvinos, Zunglios, Ulrichos de Hutten, Buceros, Melatones, Spinosas e outros caudilhos da reforma litteraria; mas ha já muitos protestantes entre os homens de letras que não podem soffrer a tyrannia do pedantismo, da tradição do velho mundo, da restauração do jugo consuetudinário.

A associação dos homens de letras que arrosta as difficuldades da publicação da BIBLIOTHECA BRASILEIRA em cujas paginas tudo será nacional, é uma prova frizante do espirito protestante litterario que começa a brilhar no horizonte patrio.

Os reformadores litterarios do Brasil não adulterão o dogma, são catholicos da gema, a natureza americanã é o seu novo e velho testamento: respeitamos religiosamente, seguem as suas pegadas com estricta escripturalidade; mas não querem fallar mais latim—lingua impossivel para o povo, desejam ser entendidos e eis—ahi a razão do seu protestantismo litterario, vão fallar a linguagem americana, reformar sua liturgia, expurgar os seus livros orthodoxos, e estabelecer a pureza do culto da natureza do seu paiz. sem galaê emprestadas, sem ceremonias quasi pagãas, sem curvar a razão á sedicã e illogica tradição.

Na America não é o norte o reformador, é o Brasil, a terra meridional, quem se encarrega de fundar a nova crença litteraria.

Uma nova luz começa a brilhar, sobre o povo brasileiro, e a fé nella roborará os esforços dos novos protestantes litterarios da terra de Santa Cruz.

ADADUS CALPE.



OBSERVAÇÃO.

Depois de compostas algumas folhas do nosso livro chegaram-nos á mão algumas poesias de amigos e collegas que infelizmente não puderam ser impressas, por havermos seguido a ordem alphabetica dos nomes.

Pedimos-lhe por isso desculpa, esperando que n'outra occasião possamos aproveitar, em beneficio da *Bibliotheca Brasileira*, os seus reconhecidos talentos.



UNIVERSITY OF ILLINOIS-URBANA



3 0112 075019163